

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THAISA CRISTINA ANTONELLI MAIA

**A AUDIODESCRIÇÃO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO:
PROPOSTA PARA O MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO**

Curitiba
2014

THAISA CRISTINA ANTONELLI MAIA

**A AUDIODESCRIÇÃO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO:
PROPOSTA PARA O MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO**

Relatório final, apresentado a Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Tecnólogo em Comunicação Institucional.

Orientadora: Prof^a. Flávia Lucia Bazan Bepalhok

Curitiba
2014

TERMO DE APROVAÇÃO

THAISA CRISTINA ANTONELLI MAIA

AUDIODESCRIÇÃO: UMA FERRAMENTA PARA INCLUSÃO

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Tecnólogo em Comunicação Institucional no curso de graduação em Tecnologia em Comunicação Institucional, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Mestre Flávia Lúcia Bazan Bessalho
Orientadora - Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná, UFPR.

Prof. Dr. Cleverson Ribas Carneiro
Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal, UFPR

Tenente Coronel R1 Sandra Regina Clasen.
Tecnóloga em Comunicação Institucional

Curitiba, novembro de 2014

“Se é verdade que o mundo das cores interessa-me pouco, igualmente verdade é
que o mundo das ideias é-me fundamental”.

*Autor Desconhecido*¹

¹ Frase retirada de uma resposta na pesquisa Coleta de Opiniões desenvolvida neste trabalho.

RESUMO

Este estudo apresenta o recurso de audiodescrição, traçando uma linha temporal desde seu surgimento, na década de 70, até os dias atuais. A definição do conceito foi realizada através de pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. A autora traz, ainda, através de pesquisas desenvolvidas para este trabalho, as preferências do público alvo em relação a descrição de qualquer ambiente, no que se refere a itens comuns na maioria dos cenários possíveis, seja ele um museu ou uma sala de cinema. De maneira empírica, a pesquisadora demonstra a utilização e a montagem de uma audiodescrição para o Museu do Expedicionário de Curitiba, e, na sequência, expõe formas viáveis de implementar a audiodescrição em museus.

Palavra-chave: audiodescrição; Museu do Expedicionário; inclusão social.

ABSTRACT

This study presents the audiodescription resource, drawing a timeline from its beginning, in the 70's, up to the current days. The concept definition was carried out through bibliographical inquiry on the subject. The author brings, through research developed for this work, the preferences of the target public in regards to the description of any environment, in which it refers to common items in most of the possible scenarios, be it in a museum or in a cinema. In an empirical way, the investigator demonstrates the use and assembly of an audiodescription to the Expeditionary Museum of Curitiba and, in the sequence, shows the viable forms of implementing the audiodescription in museums.

Keyword: audiodescription; Expeditionary Museum; social inclusion

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 DEFINIÇÃO DE AUDIODESCRIÇÃO	11
2.1 INÍCIO DA AUDIODESCRIÇÃO	12
2.2 AUDIODESCRIÇÃO NO BRASIL	14
3 ESCOLHA DE MATERIAL PARA DESCRIÇÃO	16
3.1 COLETA DE OPINIÕES	17
3.2 IDADE	19
3.3 LOCALIZAÇÃO	19
3.4 DEFICIÊNCIA VISUAL	20
3.5 VELOCIDADE DA DESCRIÇÃO	21
3.6 CARACTERÍSTICAS	22
3.7 FREQUÊNCIA DE VISITA A MUSEUS	23
3.8 FREQUÊNCIA COM QUE ASSISTE FILMES	24
3.9 FREQUÊNCIA DE VISITAS A TEATROS/EXPOSIÇÕES	25
3.10 CIÊNCIA DA AUDIODESCRIÇÃO	26
3.11 IMPORTÂNCIA DA AUDIODESCRIÇÃO NO PROCESSO DE INCLUSÃO	26
3.12 DISPONIBILIZAÇÃO DA AUDIODESCRIÇÃO	27
3.13 IMPORTÂNCIA DA AUDIODESCRIÇÃO EM MUSEUS	28
3.14 MOTIVOS APONTADOS, JUSTIFICANDO A IMPORTÂNCIA DA AUDIODESCRIÇÃO EM MUSEUS	29
4 COLETA DE OPINIÕES II	31
4.1 DESCRIÇÃO I	31
4.2 DESCRIÇÃO II	32
4.3 PESQUISA II - PILOTO	33
4.4 DEFICIÊNCIA VISUAL	35
4.5 CLAREZA	35

4.6 ENTONAÇÃO	36
4.7 INFORMAÇÕES	36
4.8 VELOCIDADE	37
4.9 EXPLICAÇÃO	37
4.10 ÁUDIO MAIS AGRADÁVEL	37
4.11 MUDANÇAS SUGERIDAS	38
5 MELHORAMENTOS POSSÍVEIS	39
5.1 ROTEIROS DA AUDIODESCRIÇÃO	39
5.2 ÁUDIO 01 – HALL DE ENTRADA	40
5.3 ÁUDIO 02 - CANHÕES	40
5.4 ÁUDIO 03 – MINA MARINHA	43
5.5 ÁUDIO 03 – FORMAS DE IMPLANTAÇÃO DO RECURSO DE AUDIODESCRIÇÃO	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
10 REFERÊNCIAS	49
11 APÊNDICES	53

1 INTRODUÇÃO

Atualmente o Brasil abriga uma população de mais de trinta e cinco milhões de deficientes visuais, desse número, mais de quinhentas mil pessoas não conseguem enxergar de modo algum. Isso remete a uma enorme parcela da população que tem dificuldade, ou são privadas, de usufruir de atividades de lazer e culturais devido a falta de acessibilidade e estrutura. A audiodescrição é um recurso sonoro utilizado para auxiliar pessoas com deficiência visual a ter maior autonomia em ambientes socioculturais. O recurso permite independência no que se refere a estímulos visuais presentes em cinemas, museus e TV. Foi diante destes fatos que a pesquisadora escolheu “Audiodescrição” como tema de seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Para realização deste projeto, em um primeiro momento, houve a realização da pesquisa bibliográfica para definir o tema assim como explicar a origem e funcionamento do recurso de Audiodescrição (AD), bem como discorrer sobre o cenário atual da AD. Para isso, as obras mais utilizadas foram organizadas pelos autores Livia Maria Villela de Melo Motta e Paulo Romeu Filho. Além destes autores, foram utilizados manuais cedidos, amigavelmente, por entidades canadenses.

Percebendo a necessidade de recolher informações alheias, para conhecer o público e realização das descrições, foram realizadas duas pesquisas, que se basearam nos conceitos definidos pelos autores F. N. Mattar, T. E. Gerhardt, D. T. Silveira, J. J. S. Fonseca e A. S. Godoy, que guiaram as pesquisas e interpretações das mesmas. As pesquisas tinham como objetivo central definir as preferências do público alvo em relação a descrição de ambientes e objetos. Os resultados das pesquisas foram, posteriormente, utilizados no processo de desenvolvimento das descrições.

Ao final do projeto, após pesquisas históricas e investigações sobre objetos específicos, a pesquisadora investiu no trabalho empírico, optando pela gravação dos áudios, finalizando o processo de audiodescrição. Foram gravados três áudios. Nos áudios a autora descreve, primeiramente, o Hall de Entrada do Museu do Expedicionário, no segundo áudio são descritos dois canhões que ficam no andar

térreo do Museu e por último é feita a descrição de uma Mina Magnética Marinha que localiza-se no primeiro andar do Museu.

Este estudo tem por finalidade apresentar a audiodescrição e seu processo de montagem, sobretudo para Museus, além de refletir sobre a importância de disponibilizar esse recurso no Brasil. Ao final deste trabalho são sugeridas formas viáveis de implantação da audiodescrição no Museu do Expedicionário.

O trabalho está dividido em seis capítulos. O capítulo 2 conta um pouco da história da Audiodescrição, o seguinte (capítulo 3) foi utilizado para explicar a escolha do material de estudo e os resultados da primeira pesquisa realizada. O capítulo 4 é destinado para apresentar a segunda pesquisa e seus respectivos resultados. O capítulo 5 trata dos melhoramentos que podem ser realizados nas descrições e, também, apresenta os textos, utilizados, posteriormente, na gravação dos áudios, contidos neste trabalho. Ainda no capítulo 5 a autora sugere formas de implantar a AD no Museu do Expedicionário e desenvolve um guia, para ensinar os usuários a utilizar o recurso. Por fim, as considerações finais estão expostas no capítulo 6 deste estudo.

2 DEFINIÇÃO DE AUDIODESCRIÇÃO

A audiodescrição, que neste trabalho será apresentada apenas como AD, é um recurso utilizado para descrever imagens e/ou objetos para pessoas com algum tipo de deficiência visual ou cognitiva. Para o desenvolvimento deste projeto é trabalhado, exclusivamente, a deficiência visual.

A deficiência visual classifica-se em total ou parcial, também chamada de baixa visão. Em ambos os casos a AD é um recurso que auxilia no entendimento das características de uma imagem e/ou objeto. Atualmente a AD é usada em filmes, TV, documentários, museus e outras formas de mídia e lugares de acesso a cultura. Segundo a *World Blind Union* (2011) a audiodescrição é como se um narrador contasse uma história. É uma faixa adicional de áudio que se encaixa nos intervalos silenciosos (de filmes, novelas, seriados etc.). A AD descreve o que está acontecendo na tela ou aquilo que está na frente do deficiente visual. Ainda segundo a *World Blind Union* (2011) a AD, algumas vezes, já está anexa ao material que deseja-se descrever, ou seja, ela vem pronta. Desta forma, não é necessária nenhuma interferência de terceiros no produto. Em outros casos a AD ainda está por ser feita, isso significa que a AD ainda não existe e precisa ser produzida, desde o ponto inicial, por alguém com conhecimento no assunto.

Consoante as palavras de Eliana Paes Cardoso Franco e Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva no artigo Audiodescrição: Breve Passeio Histórico (2010):

A audiodescrição consiste na transformação de imagens em palavras para que informações-chave transmitidas visualmente não passem despercebidas e possam também ser acessadas por pessoas cegas ou com baixa visão. (FRANCO; SILVA, 2010 p. 19)

Apesar da audiodescrição, em sua maioria, estar relacionada a programas de TV e filmes não é apenas nesse contexto que encontramos utilidade para esse recurso sonoro. O recurso estende-se para salas de aula, congressos, feiras, entre outros tantos ambientes, como exemplifica Livia Maria Villela de Melo Motta e Paulo Romeu Filho (2010):

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora. É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. (MOTTA; ROMÉU FILHO, 2010 p.08)

Com base nos recentes conhecimentos teóricos é possível afirmar que a AD é muito importante, não somente pela inclusão social que promove, mas, também, por proporcionar uma maior independência e liberdade aos deficientes visuais, que passam a se sentir mais confortáveis. A AD auxilia no processo de adquirir conhecimentos a respeito de sinais visuais que afetam o modo de interação social (linguagem corporal, aparência física, entre outros). A AD contribui tornando-os mais abertos a conversar com pessoas videntes sobre assuntos que antes não compreendiam como um todo. O recurso dá suporte para que haja uma troca de experiências entre videntes e deficientes visuais sobre os mais variados assuntos.

2.1 Início da Audiodescrição

A audiodescrição, como é conhecida atualmente, começa a engatinhar na década de 70. No entanto, é sabido que a ação de descrever ambientes, objetos e imagens para deficientes visuais já é bem mais antiga que isso. A AD como forma de auxílio para o entendimento do local é algo intuitivo, que é feito mesmo sem perceber. Isto pode ser exemplificado quando é relatado sobre algum lugar que foi visitado para alguém que nunca esteve lá. A descrição do lugar, dos objetos é similar ou igual ao que é feito para com as pessoas com deficiência visual. É descrito o lugar e a disposição de seus objetos no ambiente de uma maneira que as pessoas possam montar uma imagem do local em suas mentes e, assim, compreender melhor o lugar que busca-se exemplificar. Esse exemplo remete ao caso do viajante cego mais famoso da história James Holman, que viajou pela

Europa e outros continentes e contava, durante as viagens, com as descrições de paisagens que eram feitas por transeuntes. A vida de Holman está documentada no livro de Jason Roberts: “*A Sense of the World: How a Blind Man Became History’s Greatest Traveller*” (Londres, 2006).

A AD surge como uma maneira mais profissional e regrada para fazer essa descrição. Ainda que não seja amarrada a firmes correntes de regras, a AD apresenta algumas sutilezas que devem ser respeitadas, para um melhor entendimento daquilo que está sendo descrito, para que não haja discordâncias ou informações confusas ao longo da narração.

A primeira pessoa a sugerir uma adequação e a ideia de profissionalização da AD, de acordo com o artigo “Audiodescrição: Breve Passeio Histórico”, de Eliana Paes Cardoso Franco e Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva (2010), foi Gregory Frazier com a conclusão de sua tese de mestrado na metade da década de 70.

Segundo as autoras, Frazier, no entanto, não é o mais significativo nome para a AD, uma vez que o recurso só começou a tomar forma na década de 80 com os trabalhos do casal Cody e Margaret Pfanstiehl, que foram as primeiras pessoas a fazer a audiodescrição profissional de uma peça de teatro: *Major Barbara*, exibida em 1981, no teatro *Arena Stage* em *Washington DC*. O casal Pfanstiehl também é responsabilizado por introduzir a AD aos programas de televisão e por serem os primeiros a gravarem fitas cassetes de áudio que eram usadas em visitas a museus, parques e monumentos dos Estados Unidos da América (EUA). A primeira AD para televisão foi transmitida, simultaneamente com o programa, através do rádio.

Na década de 90 o casal Pfanstiehl contribuiu para pesquisas, com deficientes visuais, sobre a AD na televisão. Devido a comprovada eficácia do produto foi investido em tecnologias que pudessem levar esse recurso de maneira mais simplificada aos lares americanos. É criado, então, o *Descriptive Video Services (DVS)* que foi o primeiro provedor de material áudio-descrito pré-gravado para televisão dos EUA. O recurso foi lançado, oficialmente, em 1990.

Dois anos depois, em 1992, foi dado início ao projeto *Motion Picture Access (MoPix)* para levar a AD aos cinemas. Em 1999, depois de uma série de testes, chegava, ao cinema o filme “O Chacal” o primeiro com audiodescrição, afirmam Franco e Carvalho da Silva (2010).

Na Europa, a AD começa a ser desenvolvida na década de 80. A maior instituição de cegos do Reino Unido a *RNIB (Royal National Institute of Blind People)* se torna o maior expoente no gênero e consagra o Reino Unido como o conjunto de países mais bem adaptado para pessoas com deficiência visual, por apresentar o maior número de eventos áudio-descritos mas, também, pelas variadas adaptações que implementaram em ruas, museus, universidades etc. . Outra grande instituição do continente europeu é a espanhola *ONCE (Organización Nacional de Ciegos Españoles)* famosa por ser dona do sistema de loterias da Espanha revertendo todo o lucro para auxílio às pessoas com deficiência e apoio à causa dos deficientes visuais.

2.2 Audiodescrição no Brasil

Em 2003, durante o festival “Assim Vivemos: Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência”, foram exibidos, oficialmente, os primeiros filmes com audiodescrição do Brasil. Em 2005 e 2008 foram lançados os filmes “Irmãos de Fé” e “Ensaio sobre a Cegueira”, respectivamente, com a AD inclusa.

Desde 2007, o Festival de Cinema de Gramado vem incluindo filmes áudio-descritos em sua programação. Também em 2007 surgem AD para teatro, e a primeira peça que apresentava o recurso era a “Andaime” exibida em São Paulo, segundo Franco e Carvalho da Silva (2010).

No ano de 2000 com a lei 10.098 (Lei da Acessibilidade) a AD tornou-se um direito constitucional do cidadão, no entanto, a lei ainda está por ser cumprida. Desde 2005, deficientes visuais e militantes da causa lutam para inserir AD na programação da TV aberta brasileira. Houve uma pequena, porém significativa, conquista: a partir de 1 de Julho de 2013 as TV's, com sinal aberto, teriam que passar, no mínimo, 2h de programas áudio-descritos por semana, aumentando gradativamente até atingir a programação total. Essa iniciativa beneficia cerca de 35,8 milhões de deficientes visuais (IBGE,2010), residentes no país. Atualmente é possível encontrar, na televisão brasileira, alguns programas com AD, como o seriado Todo Mundo Odeia o Chris, na Tv Record. A

programação ofertada, no entanto, está longe do ideal, que seria a acessibilidade completa da TV brasileira. As pesquisas sobre AD no Brasil ainda são poucas, privando os pesquisadores de material bibliográfico e informações atualizadas, não obstante, há centros que lidam, diretamente, com pesquisa da audiodescrição na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Ceará (UFCE) e Universidade de São Paulo (USP). Esses centros de pesquisa contribuem para o aumento de informações sobre AD e se tornam muito importantes para suprir a demanda que começa a se formar: de profissionais capacitados para audiodescrição.

3 ESCOLHA DE MATERIAL PARA DESCRIÇÃO

Para o desenvolvimento deste projeto foi selecionado, como material, o acervo do Museu do Expedicionário de Curitiba. Essa escolha decorreu ao longo do ano de 2013 devido a aproximação com o ambiente do Museu e visitas frequentes ao mesmo. Essas visitas foram produto de um trabalho que os professores do curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da Universidade Federal do Paraná, Cleverson Ribas Carneiro e Juliane Martins desenvolveram em parceria com a direção do Museu.

Para a disciplina de 'Aplicações de Projetos Voltados à Comunicação' a pesquisadora escolheu trabalhar com a audiodescrição no museu, no entanto, a escassez de tempo fez com que o intervalo de pesquisa fosse reduzido e o trabalho, conseqüentemente, ficou carente de algumas informações que estão sendo expostas ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Além desta aproximação, o Museu foi escolhido depois que a pesquisadora passou por uma experiência com AD no Museu de Londres (*British Museum*) e, assim, vivenciou como essa ferramenta é importante para a compreensão dos objetos pelos deficientes visuais. A facilidade e praticidade com que os londrinos lidaram com a situação impressionou e gerou uma reflexão sobre a possibilidade de existir tal recurso no Brasil, visto que os benefícios são irrefutáveis.

Na ocasião, a pesquisadora teve acesso a audiodescrição porque estava na companhia de uma pessoa cega. Sabendo da oferta do Museu londrino para a visita, a pesquisadora e seu companheiro direcionaram-se até um balcão que, dentre outras informações, exibia a placa *Accessibility* e, então, foi solicitado o serviço de audiodescrição. O serviço em questão consistia em um aparelho que serviu de guia eletrônico nas mais variadas salas do museu.

Portanto, a escolha de um museu, para se trabalhar, foi feita devido a constatação de como o recurso pode auxiliar pessoas com deficiência visual a circular, independentes, pelas salas de um museu, aproveitando a experiência ao máximo.

3.1 Coleta De Opiniões I

Para o desenvolvimento deste projeto notou-se a necessidade de elaborar pesquisas sobre o assunto em questão. Essa necessidade surgiu da escassez de manuais sobre a audiodescrição. Como não havia um modelo para seguir a autora precisou identificar as preferências e necessidades do público, através das pesquisas que serão apresentadas na sequência. As pesquisas ajudam a estabelecer as prioridades a pesquisar (Mattar, 2012). Nesta coleta de dados a pesquisadora utilizou o formato misto, ou seja, Quantitativa e Qualitativa. Essa escolha decorreu depois de análise sobre a importância de se obter um número expressivo de respostas, caracterizando um grupo e, também, da necessidade de lidar com respostas que fornecessem algumas características específicas.

Nas palavras de Silveira e Córdova (2009) a pesquisa qualitativa não preocupa-se com representatividade numérica mas dá grande importância para dados que reflitam a opinião de um grupo. Nesse tipo de pesquisa é buscado entender os motivos e preferências, exprimindo o que convém ser feito a partir disto, mas não se prendem a quantificar valores. O importante, neste tipo de pesquisa, é produzir informações aprofundadas e ilustrativas que possam ser usadas. Godoy (1995) afirma que uma das vantagens básicas da pesquisa qualitativa é que permite o estudo a pessoas às quais não temos acesso físico. Essa característica foi muito importante para o estudo, uma vez que a pesquisa foi realizada pela plataforma *online Google Drive*.

Diferente da pesquisa qualitativa, a pesquisa quantitativa, preza mais os resultados matemáticos. Esse tipo de análise se centra na objetividade e, também, representa grande importância para a análise dos resultados, visto que, em alguns momentos, da coleta de dados, é mais importante analisar a quantidade de respostas para cada item. Devido a quantidade expressiva de respostas, que caracterizam uma representativa parte da população, os resultados são considerados retrato real de todo o público alvo da pesquisa. A utilização concomitante da pesquisa qualitativa e quantitativa permite ao pesquisador recolher mais informações do que teria, caso utilizasse umas das formas, de pesquisa, isoladamente (Fonseca, 2002).

No presente estudo nota-se uma vultosa importância da pesquisa qualitativa em algumas perguntas mais específicas e que requerem a opinião do entrevistado e, há notável dependência da pesquisa quantitativa em perguntas que necessitam de informações cruas, como a localização do entrevistado.

O objetivo desta primeira pesquisa é identificar, no público alvo, quais são suas preferências em relação a descrição, independente de quem ou sobre o que ela é realizada. As perguntas são direcionadas para entender o que o entrevistado preza ao ouvir uma descrição, como velocidade ou entonação e também para que a pesquisadora tivesse uma referência em relação a frequência que os entrevistados costumam frequentar ambientes socioculturais. Para a segunda pesquisa a autora selecionou um objeto do Museu, no caso uma Mina Magnética, para fazer a descrição e gravar um áudio piloto. O objetivo é de otimizar o processo e receber, de forma assertiva, a opinião dos entrevistados em relação a descrição, havendo sugestões pontuais de alterações. A segunda pesquisa é apresentada no Capítulo 5, deste material.

Após circulação, da primeira pesquisa, via internet, no período de primeiro de maio até onze de maio (01/05/2014 – 11/05/2014) através de listas de discussão, grupos de *e-mail* e *blogs* houve um retorno de sessenta (60) respostas para serem quantificadas. A escolha da *internet* deu-se por se tratar de um meio democrático e acessível para os deficientes visuais, além de proporcionar um ambiente para propagação da pesquisa, devido a facilidade de transmiti-la para amigos, colegas e conhecidos. Outro fator que levou a pesquisadora a optar pela divulgação *online* foi a recusa, de uma escola para cegos de Curitiba, em contribuir com a divulgação e fornecimento de respostas para análise.

Após o número de 60 respostas, obtidas de forma aleatória, a própria plataforma *online* disponibiliza, contabilizados, os resultados matemáticos gerando os gráficos que constam neste material. Essa primeira pesquisa serviu para dar início a gravação do áudio piloto, uma vez que as preferências do público se tornaram conhecidas.

Serão apresentados, a seguir, os resultados da pesquisa assim como a explicação do objetivo de cada pergunta:

3.2 Idade

Nessa pergunta foi importante a utilização da pesquisa qualitativa devido ao objetivo: conhecer a idade do entrevistado. Posteriormente esses resultados foram analisados e separados, o que resultou no gráfico abaixo.

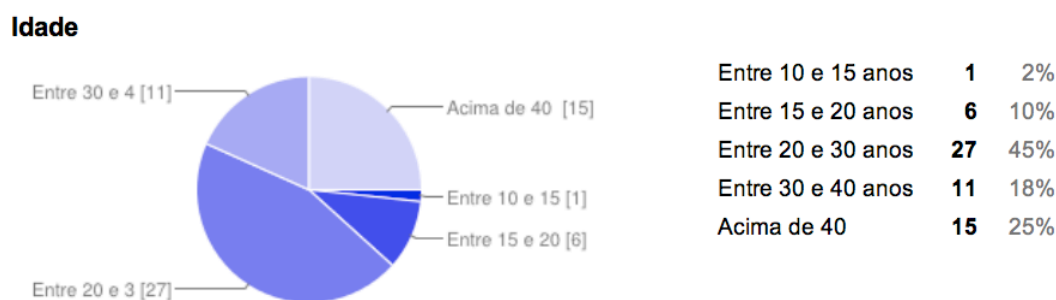


Gráfico I – Idade
Fonte: A autora (2014)

Como é possível perceber pelo gráfico o número mais expressivo de entrevistados tem entre 20 e 30 anos de idade, caracterizando um público jovem/adulto. Ao se somar esse público com as faixas etárias de 30 a 40 anos (18%) e acima de 40 anos (25%) tem-se que o público de adultos é o maior representante dos respondentes. O público menos expressivo, nessa pesquisa, tem faixa etária entre 10 e 19² anos que, somados, representam, apenas, 12% do total de pessoas pesquisadas.

3.3 Localização

Essa questão foi de cunho majoritariamente quantitativo, cujo objetivo era descobrir quantas pessoas, que responderam à pesquisa, moram em Curitiba ou Região Metropolitana.

² 10 - 20 anos – destinado para quem ainda irá completar 20 anos. 20 – 30 anos – destinado para quem já completou 20 anos e irá completar 30 anos. 30 – 40 - para quem já completou 30 anos e irá completar ou tem 40 anos. Essa informação foi disponibilizada, resumida, no questionário.

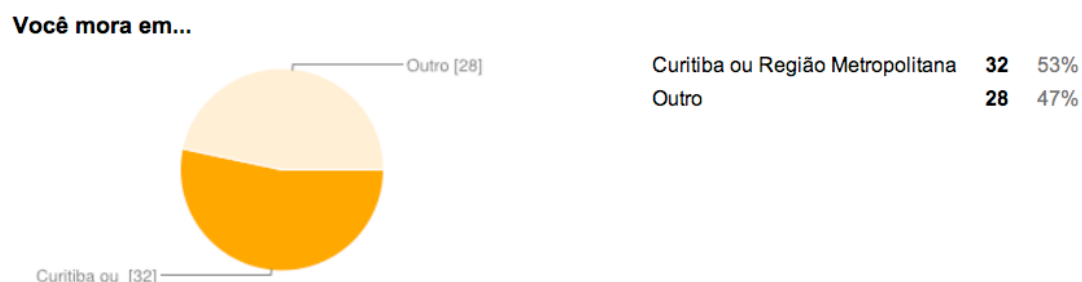


Gráfico II – Localização
Fonte: A Autora (2014)

Mesmo apresentando uma diferença pequena é possível perceber que o maior número de entrevistados reside em Curitiba e Região Metropolitana. Essa pergunta é de grande importância para a base empírica do trabalho já que é possível saber a porcentagem de entrevistados que tem acesso ao Museu do Expedicionário e que, conseqüentemente, seriam beneficiados com a possível implantação do recurso de AD no local.

3.4 Deficiência Visual

Apesar de ser de cunho qualitativo, pois visa saber uma característica específica do indivíduo, para essa questão é mais importante focar nos resultados quantitativos. Isso porque é relevante saber o número de pessoas deficientes visuais que tiveram acesso a esse questionário.

É interessante saber, também, das pessoas que não apresentam deficiência visual, uma vez que os videntes contribuem muito para elaboração da AD e podem, igualmente utilizar esse recurso. O uso da AD para videntes é feito, comumente, por idosos, pessoas com problemas de cognição e por quem deseja se aprofundar mais no assunto em questão, visto que a AD traz informações extras do que aquelas presentes nos informativos. Além de utilizar o recurso, os videntes, muitas vezes, atuam de forma crítica, apontando detalhes que podem ser melhorados para otimizar o recurso de AD.

Você tem algum tipo de deficiência visual?

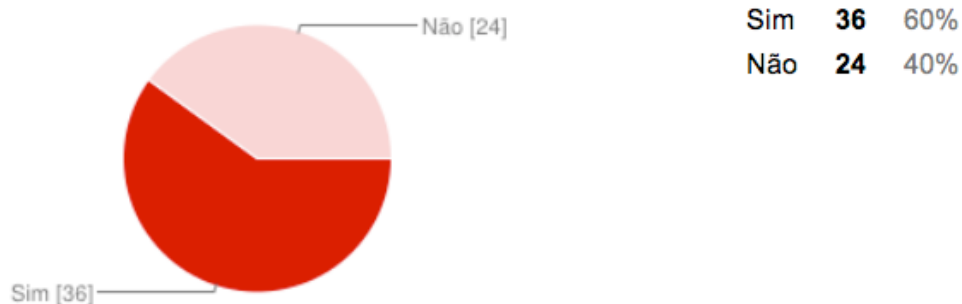


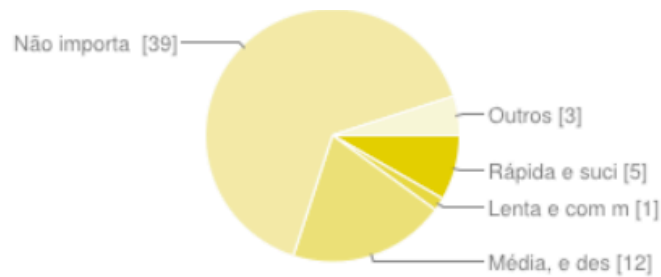
Gráfico III – Deficiência Visual
Fonte: A Autora (2014)

Percebe-se que 60% dos entrevistados apresentam algum tipo de deficiência visual e 40% afirmam não possuir nenhum problema relacionado a visão.

3.5 Velocidade da Descrição

Nesta etapa foi utilizado a pesquisa qualitativa para definir qual a melhor forma de narração e, posteriormente, foi necessária a pesquisa quantitativa para numerar as respostas e definir, entre elas, qual a preferida pelo público em questão.

Quando alguém descreve algum objeto ou cena, para você considerar compreensível, a descrição deve ser:



Rápida e sucinta	5	8%
Lenta e com muitos detalhes	1	2%
Média, e destacando apenas o que é importante	12	20%
Não importa a velocidade, contanto que fiquem claras as características do objeto	39	65%
Outros	3	5%

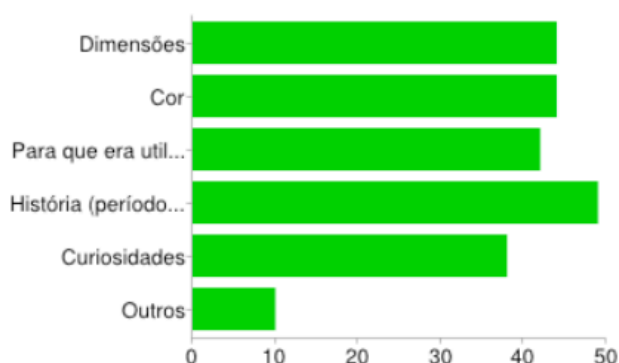
Gráfico IV – Velocidade
Fonte: A Autora (2014)

Houve uma gritante diferença entre os resultados. Percebe-se que o público não se importa com a velocidade que é feita a narração contanto que seja fiel à aparência real do objeto. Em segundo lugar ficou a descrição em velocidade média, dando destaque apenas àquilo que é importante. Em terceiro lugar ficou a descrição rápida e sucinta, demonstrando que é importante manter a descrição enxuta sempre que possível. As demais opções não apresentaram resultados expressivos para a pesquisa.

3.6 Características

Similar com à questão anterior. O mérito qualitativo foi utilizado para definir as opções para os entrevistados e, posteriormente, usa-se da lógica quantitativa para entender qual a preferência.

A descrição, bem feita, de um objeto, exposto em museu ou galerias, deve conter:



Dimensões	44	19%
Cor	44	19%
Para que era utilizado	42	19%
História (período que era utilizado, por quem, contexto, etc)	49	22%
Curiosidades	38	17%
Outros	10	4%

Gráfico V – Características
Fonte: A Autora (2014)

Fica evidente uma distribuição quase homogênea entre os resultados para esta pergunta, evidenciando a necessidade de conter, na descrição, características que remetam a cor, utilização, dimensões, curiosidade e, principalmente, história do objeto selecionado.

3.7 Frequência de visitas a museus

Questão de cunho meramente quantitativo. Visava saber a frequência que as pessoas entrevistadas costumam visitar museus.

Em média, quantas vezes por ano você visita museus?

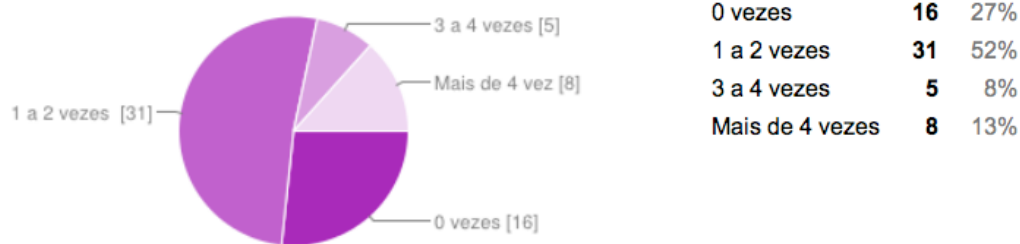


Gráfico VI – Museus
Fonte: A Autora (2014)

Aqui é importante notar que o número mais significativo limita-se a visitar museus de 1 a 2 vezes no ano e o segundo resultado mais expressivo ficou a cargo das pessoas que não visitam museus nenhuma vez ao ano.

3.8 Frequência com que assiste filmes

Similar à questão anterior. O objetivo era descobrir a frequência que as pessoas entrevistadas costumam ir ao cinema ou assistem filmes em sessões em grupo.

Em média, quantas vezes, por ano, você vai ao cinema ou assiste filmes em sessões grupais?

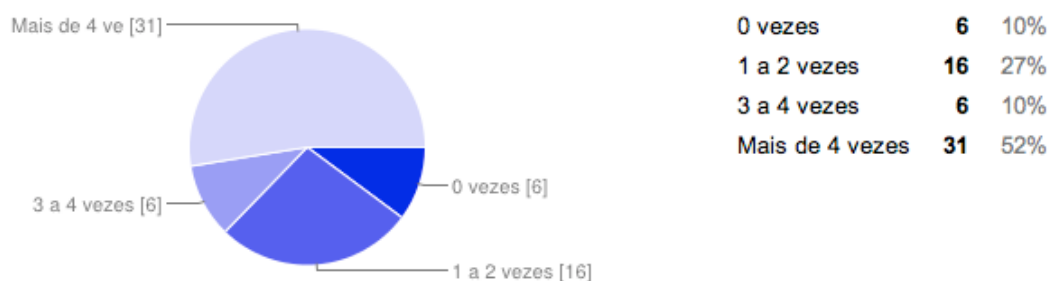


Gráfico VII – Filmes
Fonte: A Autora (2014)

O resultado mais expressivo fica a cargo das pessoas que frequentam esse tipo de ambiente mais de quatro vezes ao ano. O segundo resultado mais expressivo foi definido pelas pessoas que declararam frequentar esses ambientes de 1 a 2 vezes ao ano. De 3 a 4 vezes e 0 vezes, ambos, apresentaram 10% do total de respostas obtidas.

3.9 Frequência de visitas a teatros/exposições

Similar às duas últimas perguntas antecessoras, para essa questão o que se quer analisar é a frequência de visitas a teatros e exposições.

Em média, quantas vezes, por ano, você vai a teatros e/ou exposições?

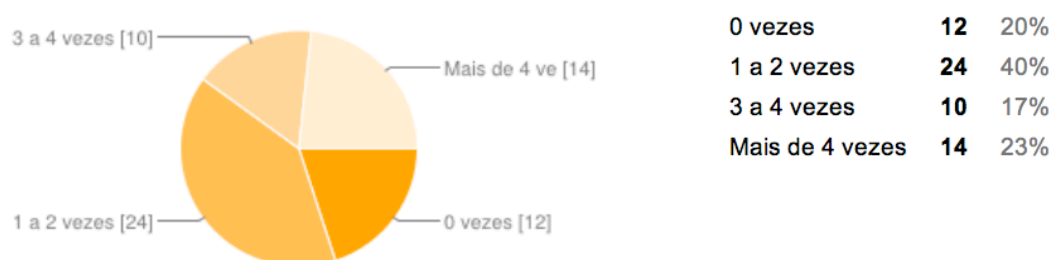


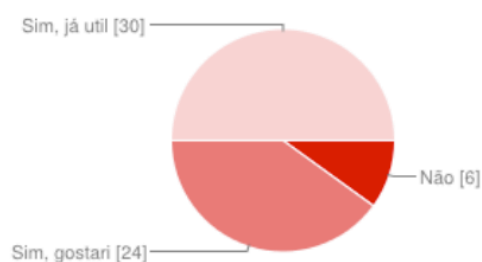
Gráfico VIII – Teatro e Exposições
Fonte: A Autora (2014)

Apresenta-se como resultado mais expressivo o grupo que afirma frequentar esses ambientes de 1 a duas vezes por ano. O segundo mais expressivo o grupo que declara uma frequência maior de 4 vezes ao ano. No entanto, os resultados desse grupo e dos que declararam não ir a teatros e exposições apresenta uma diferença tênue.

3.10 Ciência da audiodescrição

Pergunta de cunho quantitativo. Tem como meta fornecer um dado de quantas pessoas conhecem audiodescrição.

Você sabe o que é audiodescrição (AD)?



Não	6	10%
Sim, gostaria de utilizar	24	40%
Sim, já utilizei	30	50%

Gráfico IX – Audiodescrição
Fonte: A Autora (2014)

O número mais expressivo de respostas foram de pessoas que sabem o que é e já utilizaram o recurso de audiodescrição, resultando em 50% de entrevistados. Outros 40% dos entrevistados declararam saber o que é o recurso e ter interesse em sua utilização. O restante 10% das pessoas que responderam afirmaram não saber o que é o recurso de audiodescrição.

3.11 Importância da audiodescrição no processo de inclusão

Após uma breve explicação do recurso de audiodescrição o interesse desta pergunta foi saber se as pessoas, que responderam o questionário, acham a AD uma ferramenta importante para inclusão social.

Sabendo que audiodescrição é um recurso utilizado para descrever imagens e/ou objetos para pessoas com algum tipo de deficiência visual ou cognitiva, considere: Você acha a AD uma ferramenta importante, para acesso a cultura e inclusão social?

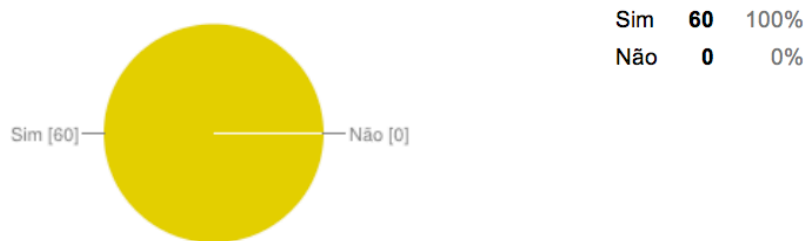


Gráfico X – Inclusão
Fonte: A Autora (2014)

Houve uma resposta unânime dos entrevistados. Cem por cento do grupo de pesquisa respondeu que a AD é uma ferramenta importante para inclusão social e acesso à cultura.

3.12 Disponibilização de audiodescrição

Esta questão tem como objetivo quantificar as pessoas que frequentariam mais os lugares citados nas perguntas anteriores se a AD fosse disponibilizada.

Se os meios culturais citados acima (cinema, museu, teatros etc.) tivessem o recurso de AD você os visitaria com mais frequência?

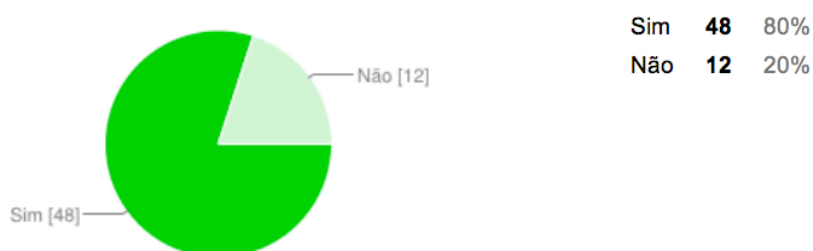


Gráfico XI – Disponibilização de AD
Fonte: A Autora (2014)

É notável que a maioria (80%) dos entrevistados responderam que aumentariam a frequência de visita aos lugares propostos anteriormente se estes

mesmos lugares disponibilizassem o recurso de AD para os visitantes. Apenas 20% dos entrevistados responderam que a disponibilização da AD não iria interferir na quantidade de vezes que costumam visitar os lugares mencionados anteriormente.

3.13 Importância da audiodescrição em museus

Similar à questão anterior. Neste momento o objetivo é saber quantas pessoas consideram importante que museus tenham o recurso de audiodescrição disponível para visitantes.

Você acha que seria importante Museus terem AD?



Gráfico XII – AD em Museus
Fonte: A Autora (2014)

Pela segunda vez, neste questionário, foi contabilizada uma resposta unânime dos entrevistados que afirmaram que é importante museus contarem com o recurso de AD. O que nos leva a interpretar que, mesmo as pessoas que responderam que não iriam mais a museus, teatros ou cinemas se estes fornecessem AD, consideram o recurso muito importante e útil para quem faz uso dele.

3.14 Motivos apontados, justificando a importância da audiodescrição em museus

Para esta questão houve cinquenta e uma (51) respostas qualitativas. Após o recebimento destas respostas a pesquisadora leu e analisou cada uma individualmente e, devido a similaridade das opiniões, dividiu em três grupos representativos:

- **Inclusão Social** – este grupo é formado por trinta e seis (36) respostas, ou seja, entre as cinquenta e uma (51) respostas obtidas em trinta e seis (36) delas o autor deixou claro que é importante ter AD no museu porque promove a inclusão social.
- **Importante para Compreensão** – este grupo é formado por vinte e oito (28) respostas e corresponde ao número de pessoas que consideram a AD importante para compreensão do objeto ou peça que está sendo exposto.
- **Incentivo para ir ao Museu** – esta afirmativa estava presente em oito (8) respostas, corresponde as pessoas que acreditam que, disponibilizando o recurso de AD, os museus teriam um maior apelo popular e, conseqüentemente, teriam um público maior e mais diversificado.

Nota-se que a somatória dos números anteriormente apresentados não contabilizam cinquenta e um (51), que é o número total de retornos obtidos. Essa diferença ocorre porque algumas respostas recebidas podiam ser incluídas em mais de uma categoria gerando a diferença na contagem final. Como exemplo, vale citar que mais de uma pessoa respondeu que além de ser importante para inclusão social a AD ajuda na compreensão das características gerais e específicas do objeto.

Essa pesquisa serviu para dar uma base de desenvolvimento para as audiodescrições, que serão feitas no decorrer deste estudo. O conhecimento,

proporcionado por estes resultados, serão utilizados ao longo do desenvolvimento deste estudo.

A pesquisa, na íntegra, está contida no Apêndice (I) deste documento e seus resultados de forma crua estão nomeados como Apêndice (II).

4 COLETA DE OPINIÕES II

Depois de realizada a primeira pesquisa, nesta etapa de desenvolvimento foi escolhido um objeto, do acervo do Museu do Expedicionário. Esse objeto foi selecionado para ser áudio-descrito em fase teste, ou seja, um piloto para que seja feita a segunda pesquisa. Esse áudio piloto serve para que a pesquisadora possa adequar as informações no texto, tom de voz, velocidade da narração e clareza no produto final que será realizado para esse trabalho.

Utilizando os dados da primeira pesquisa realizada, e de intensa pesquisa histórica, a pesquisadora irá apresentar duas descrições para o mesmo objeto selecionado. Os pesquisados irão optar pelos pontos fortes de cada gravação e eles irão definir o que se fez importante, para a compreensão do objeto, e o que tornou a experiência agradável, assim como apontar aspectos deficientes na narração. Com essa coleta de dados a pesquisadora tem o objetivo de se adequar ao público alvo e otimizar a gravação.

O objeto selecionado foi uma mina magnética utilizada pela Marinha do Brasil e as descrições estão expostas abaixo.

As descrições apresentam pequenas diferenças em seus textos. O objetivo é saber qual a melhor opção para o deficiente visual e, também, para aqueles que enxergam, mas que podem vir a utilizar o recurso. Na ‘Descrição I’ o texto está sucinto e direto, enquanto que na ‘Descrição II’ explica-se um pouco mais sobre a Mina, são fornecidos dados a mais e uma espécie de desfecho que não está presente na primeira descrição. O objetivo é que o público desta nova pesquisa opte por um dos áudios e aponte o que o fez tomar essa decisão. Os áudios estão disponibilizados neste trabalho, no Apêndice (III).

4.1 Descrição I

“Na sua frente está localizada uma mina magnética, que era utilizada pela Marinha Brasileira durante a II Guerra Mundial. Feita de aço e com uma altura de

aproximadamente 1m e com um raio de cerca de 50 cm, a mina de coloração preta é constituída de duas partes: a parte onde eram armazenados os explosivos é maior e tem formato esférico, e a base da mina, onde encontravam-se os mecanismos de ativação, tem formato cônico. Nas extremidades da base encontra-se uma espécie de portinhola, utilizada durante a montagem e programação da mina. Na parte superior do depósito de explosivos há uma abertura, já vedada, por onde eram inseridos as substâncias explosivas. Na superfície da parte esférica são encontradas protuberâncias que eram os detonadores da mina.

As minas poderiam ser lançadas ao mar por navios ou aviões. No caso do avião, a mina era liberada com um paraquedas acoplado, ao alcançar o mar um mecanismo liberava o paraquedas e a base cônica da mina descia suavemente para o fundo do oceano. Ao tocar o solo marinho o campo magnético era acionado. Quando navios passavam próximos da mina, agiam como ímãs gigantes e provocavam uma força de atração magnética, quando a mina se chocava com o casco do navio ou do submarino, ocorria a danificação dos detonadores e, conseqüentemente, a explosão da mina.

As minas podiam suportar cerca de 225 kg de explosivos e foram usadas, primeiramente, pelos exércitos alemães”.

4.2 Descrição II

“Na sua frente está localizada uma mina magnética, que era utilizada pela Marinha Brasileira durante a II Guerra Mundial. Feita de aço e com uma altura de aproximadamente 1m e com um raio de cerca de 50 cm, a mina de coloração preta é constituída de duas partes: a parte onde eram armazenados os explosivos é maior e tem formato esférico, e a base da mina, onde encontravam-se os mecanismos de ativação, tem formato cônico. Nas extremidades da base encontra-se uma espécie de portinhola, utilizada durante a montagem e programação da mina. Na parte superior do depósito de explosivos há uma abertura, já vedada, por onde eram inseridos as substâncias explosivas. Na superfície da parte esférica são encontradas protuberâncias ocas de chumbo quais eram os detonadores da mina.

As minas poderiam ser lançadas ao mar por navios ou aviões. No caso do avião, a mina era liberada com um paraquedas acoplado, ao alcançar o mar um mecanismo liberava o paraquedas e a base cônica da mina descia suavemente para o fundo do oceano. Ao tocar o solo marinho o campo magnético era acionado. Quando navios passavam próximos da mina, agiam como ímãs gigantes e provocavam uma força de atração magnética, quando a mina se chocava com o casco do navio ou do submarino, ocorria a danificação dos detonadores e, conseqüentemente, a explosão da mina. As minas podiam suportar cerca de 225 kg de explosivos do tipo TNT e foram usadas, primeiramente, como uma arma secreta do exercito alemão.

O principio de ativação da mina é baseado na lei de indução de Faraday que afirma que a alteração do campo magnético produz a variação de corrente em uma bobina de indução situada no interior do armamento. Essa variação altera o estado de equilíbrio e atrai o armamento que ao se chocar com o casco da embarcação explode.

Atualmente a atividade mais representativa em relação as minas é a ação dos Navios Varredores que trabalham na retirada, desativação ou explosão de minas lançadas em águas pouco profundas, abrindo canais seguros à navegação”.

4.3 Pesquisa II – Piloto

Nesta segunda pesquisa foram utilizadas as mesmas referências bibliográficas da pesquisa “Coleta de Opiniões” por ser necessária a análise quantitativa e qualitativa das respostas. Foram disponibilizados dois áudios (sobre Minas Marinhas utilizadas durante a Segunda Guerra Mundial) para um grupo de onze (11) pessoas, sendo três delas videntes e oito deficientes visuais. Os dois áudios tinham diferenças entre si (velocidade, informações, entre outros). Os pesquisados, após ouvirem os dois áudios, eram convidados a responder algumas perguntas sobre a experiência. Essas perguntas servem para aprimorar o recurso de AD, dando, para a pesquisadora, o ponto inicial das melhorias que precisavam ser feitas, demonstrando, aqui, a importância desta segunda abordagem questionadora.

Esse número de onze participantes foi definido para que não houvesse empate entre os áudios disponibilizados.

As pessoas videntes que foram selecionadas para responder a esta pesquisa estão ligadas aos temas propostos ao longo deste trabalho, foram escolhidos: um professor/pesquisador de física da UFPR, um estudante de História e uma pessoa que trabalha com materiais para deficientes visuais, neste caso, foi a coordenadora da sessão Braille da Biblioteca Pública do Paraná.

Os áudios foram captados de forma amadora e fora de estúdio apropriado. As gravações foram feitas com um gravador da marca *Zoom Corporation* do modelo *Handy Recorder H4n*. As maiores diferenças entre os áudios encontram-se na entonação, velocidade e riqueza de informações. A entonação do áudio Mina Marinha 02 é mais firme e a velocidade um pouco mais rápida do que a utilizada no áudio 01. Além disso, o áudio 02 traz mais informações sobre a mina, como é possível notar, no arquivo de áudio disponibilizado no Apêndice (III).

Foram elaboradas sete perguntas com alternativas e uma pergunta de livre resposta, para que os participantes pudessem dar seu *feedback* em relação ao áudio que ouviram. A pesquisa circulou entre os selecionados no período de 31/07/2014 até 20/08/2014 e as respostas obtidas para cada pergunta, estimadas estatisticamente, constam na sequência. A análise e exposição das respostas deu-se por cálculo simples de porcentagem, supervisionado por uma mestranda em ciências exatas³. Devido ao número baixo de respostas para essa pesquisa a autora optou por apresentar os resultados sem desenvolvê-los em gráficos, demonstrando apenas as porcentagens, baseando-se no fato de que, para essa pesquisa, dava-se mais importância para os resultados grupais do que para os individuais.

As respostas para Nome e Profissão foram requeridas para que a pesquisadora possa citar as respostas dos pesquisados caso seja de relevância para o tema.

³ A revisão dos cálculos foi realizado por Raíza Nara Antonelli Maia, mestranda em Desenvolvimento e Aplicação de Novos Materiais pelo Departamento de Física da Universidade Federal do Paraná.

4.4 Pergunta 01 – Deficiência Visual

Foi questionado ao colaborador se ele apresentava algum problema visual. Essa questão foi relevante para que seja possível diferenciar as necessidades de deficientes visuais e de videntes. É importante a inclusão de pessoas que enxerguem para esta pesquisa porque sempre que houver um produto para fazer AD, quem a fará será um vidente. Portanto é interessante apresentar o ponto de vista dessas pessoas assim como analisar suas respostas para uma AD já feita, suprimindo, desta forma, a demanda de informação para cegos e para pessoas que enxerguem, mas que possam vir a fazer uso do recurso de AD.

Como evidenciado no início deste tópico, foram oito pessoas com deficiência visual e três pessoas com visão normal.

4.5 Pergunta 02 - Clareza

O objetivo deste questionamento era que o pesquisado avaliasse a clareza da fala e explicações de acordo com o seu entendimento. Para esta pergunta foram obtidos:

Áudio Mina Marinha 01: recebeu 02 votos representando cerca de 18% das respostas.

Áudio Mina Marinha 02: recebeu os outros 09 votos, representando cerca de 82% do total de respostas.

Mesmo que a maioria das respostas tenha favorecido o Áudio 02 ainda foi necessário fazer melhorias para que as necessidades das pessoas, que optaram pelo Áudio 01, fossem sanadas.

4.6 Pergunta 03 – Entonação

O interesse sobre a entonação foi para entender qual forma era mais aceitável e menos agressiva de narração, ou seja, qual mais agradava aos ouvidos das pessoas que responderam. Esse questionamento é importante porque leva-se em consideração que, para visitar um museu, a pessoa irá passar cerca de uma hora com os fones, tornando muito importante que a entonação seja agradável. Foram recebidas as seguintes respostas:

Áudio Mina Marinha 01: foi o favorito para um entrevistado, representando 9% do total.

Áudio Mina Marinha 02: recebeu votos de outras dez pessoas, emplacando 91% de respostas.

Devido a grande diferença entre os resultados a pesquisadora vê como promissora a entonação usada no Áudio 02.

4.7 Pergunta 04 - Informações

Uma das diferenças mais notáveis entre os áudios foram as informações. O áudio 02 traz mais informações que o áudio 01. Esta pergunta foi justamente para avaliar se os entrevistados preferem informações a mais ou se preferem uma explicação mais simples.

Áudio Mina Marinha 01: o áudio 01 recebeu apenas um voto, que, representa 9% de todos os votos.

Áudio Mina Marinha 02: representa 91%, com 10 votos a seu favor. Essas respostas foram extremamente úteis, uma vez que evidenciam a preferência por informações extras na AD.

4.8 Pergunta 05 – Velocidade

Há uma diferença de velocidade, de expor informações, de falar e de intervalos entre os áudios e, com esse questionamento, foi possível avaliar qual a forma mais adequada para o público.

Áudio Mina Marinha 01: com uma estimativa de 27% o áudio 01 recebeu 03 votos.

Áudio Mina Marinha 02: com oito votos, do total, o áudio dois representa 73%.

Como a diferença, nesta pergunta, não foi tão grande como nas demais foi extremamente necessário levar em consideração a pergunta discursiva, na qual os entrevistados podem fazer considerações gerais.

4.9 Pergunta 06 – Explicação

Essa questão era sobre o entendimento geral do ouvinte. Aqui ele poderia avaliar se a explicação de um áudio ficou melhor que outro, e com qual dos dois ele sentiu mais segurança sobre como era e o funcionamento do equipamento.

Áudio Mina Marinha 01: recebeu 02 votos, representando 18% do total.

Áudio Mina Marinha 02: ficou com os outros 09 votos, representando 82%.

Devido a importância desta questão foi necessário, novamente, a consulta da pergunta discursiva para realizar melhorias.

4.10 Pergunta 07 – Áudio mais agradável

Neste momento da pesquisa o objetivo foi para que o entrevistado escolhesse entre um dos áudios, levando em consideração as perguntas anteriores, mas que julgasse, no geral, qual dos dois áudios achou melhor.

Houve um total de onze pessoas que, num todo, preferiram o *Áudio Mina Marinha 02*, totalizando 100% de um total de 11 respostas.

4.11 Pergunta 08 – Mudanças Sugeridas

Essa questão foi feita aberta para que os ouvintes pudessem sugerir mudanças, apontar problemas e fazer considerações sobre o áudio/pesquisa.

Os temas mais corriqueiros apontados pelos entrevistados foram:

- *Pronúncia e Entonação*: os entrevistados responderam que seria necessária uma melhoria na forma de descrever, voltando o áudio para um tom de conversa e não, apenas, explicativo, além de cuidado com a pronúncia de algumas palavras que não são corriqueiras e que podem ser confundidas ou mal interpretadas.

- *Velocidade*: Houve comentários referentes a velocidade da narrativa; pedindo que tornasse a fala mais lenta para uma melhor compreensão do ouvinte.

- *Explicação Científica*: Alguns entrevistados acharam desnecessária enquanto outros acharam a explicação científica uma forma de enriquecer o passeio pelo Museu.

- *Descrição*: Grande parte daqueles que responderam ao questionário sentiram falta de uma descrição mais detalhada, informando estado de conservação do objeto, mais comparações com itens cotidianos e especificidade destes itens. Alguns entrevistados relataram dificuldade em imaginar de qual pneu se trata na descrição, por exemplo.

- *Qualidade do Áudio*: Sentiu-se a necessidade de tornar o áudio mais limpo e livre de ruídos.

5 MELHORAMENTOS POSSÍVEIS

Após avaliar as respostas dos questionários a pesquisadora assumiu a responsabilidade de melhorar os áudios. O processo para conseguir isso foi melhor articulação para pronúncia das palavras, diminuir a velocidade da fala e fazer mais pausas ao longo da narração além de tornar a descrição mais acessível a itens diários e mais completa. Outra medida foi procurar por uma voz mais limpa e adequada para o tema. Com relação a explicação científica a pesquisadora optou por manter a explicação. Ela assume que o Museu deve ser um ambiente para incitar a curiosidade e busca por conhecimento daqueles que o visitam, portanto, manter a explicação é uma forma de dar um gancho para que os visitantes pesquisem e se inteirem sobre o assunto, se for de seu interesse.

5.1 Roteiro da Audiodescrição

Nesta etapa do trabalho a pesquisadora usará as opiniões cedidas nas duas pesquisas anteriores para melhorar o áudio da “Mina Marinha” e elaborar o roteiro para mais uma peça do museu. Isso servirá para que o leitor possa comparar, percebendo as melhorias que foram realizadas, e, também, usar de guia para uma futura descrição que possa vir a realizar. O local selecionado foi o *Hall* do Museu do Expedicionário onde localizam-se dois canhões distintos. O objetivo é narrar o ambiente, explicitando a localização das escadas e logo após fazer a descrição dos canhões. Os áudios estão disponibilizados no Apêndice (V). As gravações foram realizadas no estúdio da Universidade Federal do Paraná no Departamento de Comunicação (DECOM) as vozes são dos colaboradores Felipe Cordeiro Kreusch e Lucas Rony Silva Mattos. Um terceiro modelo de gravação disponibilizada é a do audiodescritor Diego Oliveira, que realizou a gravação dos áudios em seu estúdio particular.

5.2 Áudio 01 – Hall de Entrada

Agora, estamos no Hall principal do Museu do Expedicionário. A frente está localizada uma grande porta de vidro que dá acesso ao auditório do Museu. Mesmo com portas fechadas é possível ver as costas de várias cadeiras que tem coloração verde escura, o palco e as bandeiras cívicas. As bandeiras estão dispostas em ordem hierárquica e são vistas do lado esquerdo do palco.

O hall é o acesso para o segundo pavimento do Museu. De cada um dos lados, localizam-se as escadas que desenham-se em uma leve forma de meia-lua.

As escadas, de ambos os lados, tem coloração clara.

Ao lado de cada escada e, próximos a porta do auditório, encontramos dois canhões.

O canhão, perto da escada esquerda tem coloração verde escura e o canhão, próximo da escada direita, tem coloração cinza.

- Fim da descrição –

5.3 Áudio 02 – Canhões

O armamento da esquerda é o canhão Anticarro de 37 milímetros, que tinha função de derrotar a blindagem das viaturas inimigas. Este canhão está localizado próximo da escada esquerda. O Anticarro 37mm tem comprimento de cerca de 1 metro e 70 centímetros, tamanho aproximado de um pessoa adulta, largura de 1 metro e 60 centímetros, e altura de 1 metro e 20 centímetros. O canhão pesa cerca de 450 quilogramas e consegue atingir uma distância de, no máximo, 3 km.

O canhão, de coloração verde musgo e em excelente estado de conservação apresenta rodas de liga de magnésio e pneus, de cerca de 80 centímetros de altura e com borracha grossa, de aproximados 15 centímetros, o que facilitava para os

soldados quando precisavam move-lo. O cano principal tem um metro de comprimento. Na frente do cano é possível notar a abertura de disparo. Era por essa abertura que o projétil saía do equipamento, após haver a deflagração do cartucho, que era feito por uma peça metálica, encontrada dentro do canhão, chamada Martelo. Mais para a frente do canhão percebemos uma placa de ferro que recobre toda a frente do armamento. Essa placa era utilizada para proteção dos soldados enquanto carregavam e disparavam os projeteis. Os homens abrigavam-se atrás da placa de metal, evitando serem vistos pelos inimigos.

Atrás da placa de proteção notamos a culatra do canhão, que é uma abertura, na parte traseira do cano principal, por onde eram inseridos os projéteis para serem disparados. Ao lado da culatra encontramos uma alavanca. Essa alavanca era utilizada para bloquear a entrada traseira do canhão, assim, com a culatra bloqueada o projétil era impelido alguns centímetros para frente e ficava pronto para receber o impulso necessário para o disparo.

Do lado oposto à alavanca encontramos um pequeno volante de metal. Esse volante era utilizado para ajustar a mira do canhão. A mira era encaixada, em um sistema pré-montado, que apoiava-se na placa de proteção, por um corte retangular. O soldado olhava pelo equipamento de mira enquanto utilizada o volante de metal para ajustar a direção na qual o projétil seria lançado.

Um pouco acima do volante nota-se um botão, sustentado por uma haste de metal com, aproximadamente, 40cm. O botão devia ser pressionado com a palma da mão inteira. Era esse botão o responsável pelo disparo do armamento.

O reboque do canhão, que são as longas barras de ferro, atrás dele, tinham as extremidades traseiras separadas durante o uso do armamento, para conferir estabilidade e diminuir a força de recuo da arma. No entanto, o recuo, deste armamento, já era relativamente curto pois era utilizado um pistão amortecedor hidráulico e com mola em espiral.

O Anticarro 37mm era capaz de efetuar treze disparos por minuto e exigia quatro soldados para o manuseio. Apesar de ser conhecido como um armamento estadunidense o canhão é de criação alemã da empresa *Rheinmetal Defense* e foi utilizado, pela primeira vez, na Guerra Civil Espanhola.

- Pausa de 05 segundos -

A descrição agora será sobre o segundo canhão. Um Obus Alemão de 75mm. Este armamento, tinha a função de transpassar a blindagem reforçada de carros de combate inimigos. O canhão tem cerca de 2m de comprimento, tamanho similar a uma porta simples, altura aproximada de 1 metro e 20 centímetros e largura de cerca de 1 metro e 50 centímetros, comparável a um sofá de dois lugares. O armamento pesa cerca de 650 quilogramas e consegue atingir uma distância aproximada de 3km. Com projétil mais pesado que o canhão anterior o Obus Alemão foi amplamente usado nas frentes de batalha devido sua eficácia em inutilizar blindados mais pesados.

O canhão de coloração cinza, apresenta-se bem conservado e possui rodas de cerca de 10 centímetros de largura. O canhão apresenta uma trava retangular de aço ao lado de cada roda. Esse recurso era utilizado para quando os soldados precisavam girar o canhão. Eles poderiam travar apenas uma roda e girar o armamento em torno do eixo criado pela roda. Era usual, também, travar as duas rodas, reduzindo o recuo da arma e impedindo a movimentação do canhão enquanto não estivesse sendo utilizado.

Neste Anticarro, o volante para ajustar a mira fica do lado direito e o botão de disparo é localizado, estrategicamente, do lado esquerdo e o soldado ficava exatamente atrás do canhão, no momento do disparo.

A parte da frente deste canhão é o que mais o difere do anterior. O Obus Alemão apresenta uma espécie de plataforma onde está soldado o encaixe do cano principal. No início desta plataforma uma caixa metálica, muito bem soldada, serve de proteção para os mecanismos de ativação do armamento e, do lado direito, notamos uma alavanca, com cabo emborrachado. Essa alavanca, era usada para engatilhar o canhão e o deixava pronto para o disparo. No final da plataforma há uma sobra em relação ao encaixe do cano principal. Esta sobra foi projetada para que o recuo da arma fosse reduzido, para que tivesse mais espaço para o encaixe do cano principal percorrer, durante o disparo. Na ponta do cano principal, encontra-se a boca de disparo e nesta parte nota-se vários buracos. Essa ponta esburacada é chamada de Quebra – Chama e é utilizada para eliminar, durante o disparo, resquícios de pólvora além de, propagar aleatoriamente as chamas, criadas pela explosão, evitando que os soldados que manuseavam o equipamento se ferissem.

O reboque do Obus Alemão de 75mm tinha a mesma finalidade que o reboque do Anticarro 37mm.

O Obus Alemão 75mm era capaz de efetuar quatorze disparos por minuto e exigia, no mínimo, três soldados para o manuseio. O armamento era fabricado pela empresa alemã Krupp e começou a ser desenvolvido apenas alguns meses antes do início da Segunda Guerra Mundial. Com o tempo, o canhão de 75 mm sofreu adaptações para ser utilizado em plataformas móveis. Após as adaptações os primeiros registros de uso do canhão de 75mm foram nos carros de combate Panzer – IV, que foram utilizados pelos alemães na Invasão da Polônia e na Invasão da França.

A denominação de canhão para os dois equipamentos descritos é devido ao comportamento no lançamento de projéteis. Num canhão o tiro não sofre alterações de trajetória e alcance, após o disparo. Caracterizando, sempre tiros retos e curtos, de até 3km. São essas características que diferem os canhões dos obuseiros, que são muito similares aos canhões, mas que dão tiros em forma de parábola e podem alcançar até 11km de distância.

- Fim da descrição –

5.4 Áudio 03 - Mina Marinha

“Na sua frente está localizada uma mina magnética, que era utilizada pela Marinha Brasileira durante a II Guerra Mundial. Feita de aço e com uma altura de aproximadamente 1m e com um raio de cerca de 50 cm, a mina de coloração preta é constituída de duas partes: a parte onde eram armazenados os explosivos é maior e tem formato esférico, e a base da mina, onde encontravam-se os mecanismos de ativação, tem formato cônico. O cone tem a parte mais larga voltada para baixo, servindo de base para a mina. Este mesmo cone é cortado horizontalmente ao meio formando uma base menor, onde fica encaixada a esfera em que se armazenavam os explosivos. A mina assemelha-se a um peão de jogos de tabuleiro. Nas extremidades da base encontra-se uma espécie de portinhola, utilizada durante a

montagem e programação da mina. Na parte superior da esfera que era o depósito de explosivos há uma abertura, já vedada, por onde eram inseridos as substâncias explosivas. Na superfície da parte esférica são encontradas protuberâncias ocas de chumbo quais eram os detonadores da mina.

A mina que está em sua frente apresenta ótimo estado de conservação com poucas ranhuras ao longo de sua superfície.

As minas poderiam ser lançadas ao mar por navios ou aviões. No caso do avião, a mina era liberada com um paraquedas acoplado, ao alcançar o mar um mecanismo liberava o paraquedas e a base cônica da mina descia suavemente para o fundo do oceano. Ao tocar o solo marinho o campo magnético era acionado. Quando navios passavam próximos da mina, agiam como ímãs gigantes e provocavam uma força de atração magnética. Quando a mina se chocava com o casco do navio ou do submarino, ocorria a danificação dos detonadores e, conseqüentemente, a explosão da mina. As minas podiam suportar cerca de 225 kg de explosivos do tipo TNT e foram usadas, primeiramente, como uma arma secreta do exercito alemão.

O princípio de ativação da mina é baseado na lei de indução de Faraday que afirma que a alteração do campo magnético produz a variação de corrente em uma bobina de indução situada no interior do armamento. Essa variação altera o estado de equilíbrio, gerando uma corrente elétrica. Por magnetismo o armamento é atraído e ao se chocar com o casco da embarcação explode.

Atualmente a atividade mais representativa em relação as minas é a ação dos Navios Varredores que trabalham na retirada, desativação ou explosão de minas lançadas em águas pouco profundas, abrindo canais seguros à navegação.

- Fim da descrição -

5.5 FORMAS DE IMPLANTAÇÃO DO RECURSO DE AUDIODESCRIÇÃO

Existem três formas, principais e distintas, que a pesquisadora selecionou, de implantar a audiodescrição em Museus. A primeira forma é um sistema de alto-

falantes que, ao serem acionados, toquem o arquivo da AD do objeto em questão. A desvantagem deste método, no entanto, é que seria possível, apenas, para casos de visitas guiadas, fechadas e pré-agendadas, uma vez que todos por perto poderiam escutar o áudio sem critérios de necessidade ou não. Para este sistema de alto-falantes, o grupo que tenha pedido a visita, faria o passeio o tempo todo junto e com acompanhamento de um guia para poder selecionar o arquivo que ele deseja tocar no alto-falante, para isso, cada objeto audiodescrito teria um número, correspondente a uma faixa de áudio e, ao ser selecionado por um controle, o áudio iniciaria automaticamente possibilitando aos visitantes ouvirem a descrição. Esse sistema, mostra-se muito ineficiente uma vez que o objetivo é que pessoas com deficiência visual possam visitar o Museu como qualquer outra pessoa, sem precisar de uma programação antecipada.

Uma segunda maneira de implantar AD no Museu seria com que cada objeto contemplado com a AD tivesse próximo de si dois ou três fones de ouvido, que tivesse o botão “*Play*” em suas conchas auriculares, desta forma, cada visitante que desejasse ouvir a AD colocaria o aparelho nos ouvidos e apertaria o *Play* para iniciar a reprodução para aquele objeto. Para isso os áudios teriam que ser totalmente independentes, para evitar interferência dos fones de ouvido entre si. Essa forma de implantação mostra-se eficaz mas ainda não traz a dinâmica e independência da última maneira, apresentada na sequência.

O melhor sistema de áudios para Museu seria o serviço oferecido pelo grupo *Antenna International* que disponibiliza um aparelho semelhante a um telefone celular permitindo que o ouvinte digite o número desejado e escute individualmente a faixa de áudio que for escolhida. Esse equipamento permitiria ao visitante um passeio mais autônomo, sendo requerida apenas a presença de um acompanhante vidente, para guiar o deficiente visual nas dependências do museu e para ditar os números dos objetos que o DV deseja ouvir, atendendo, satisfatoriamente, aos propósitos deste projeto.

Para utilização deste recurso, cada objeto audiodescrito receberia um número específico, que o representaria no banco de dados do aparelho. O visitante, então, digitaria o número do objeto que deseja ouvir a descrição e esta seria transmitida automaticamente para os fones do aparelho, permitindo ao visitante total acesso ao

museu. A numeração estaria disposta em uma plaquinha próxima ao objeto ou ambiente de interesse.

Como o sistema de AD é novidade no Brasil o Museu teria que dispor de folders explicativos do funcionamento do equipamento/passeio audiodescrito. Pensando nisso, foi elaborada uma cartilha apresentada no Apêndice (VI) – Guia AD, deste estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi abordado o recurso de audiodescrição. No decorrer deste estudo foi possível apresentar ao público a AD denotando sua importância para a inclusão social de pessoas com algum grau de deficiência visual. Depois de pesquisas, questionários e levantamento de dados foi possível perceber que a AD é um recurso que pode atrair um grande público para Museus e demais espaços socioculturais. É possível afirmar isto baseando-se nas pesquisas realizadas, que demonstraram que 80% dos entrevistados aumentariam a frequência de visita a esse tipo de ambiente caso houvesse mais recursos acessíveis.

Os objetivos firmados no início deste trabalho foram cumpridos e geraram resultados melhores do que os esperados. Isso porque houve uma participação muito maior do que a esperada, para responder as questões, e grande inclinação, de alguns dos envolvidos, em auxiliar no processo de criação das descrições, como exemplo, a participação de um Oficial do Exército Reformado que, devido seu conhecimento na área, revisou e sugeriu alterações importantes nas descrições dos artigos do Museu tornando a descrição mais completa e compreensível. Baseando-se em depoimentos de terceiros e na própria experiência pessoal foi possível, também, sugerir formas viáveis de implantar a AD no Museu do Expedicionário. Além disso foi animador receber, do público pesquisado, uma resposta unânime referindo-se a AD como um recurso muito importante para Museus e como forma de democratizar o acesso à cultura.

A ideia de pesquisar a AD iniciou-se no final do ano de 2013 em uma disciplina do curso de Comunicação Institucional e este trabalho possibilitou o aprofundamento deste tema, tão importante para o desenvolvimento intelectual de nosso país e para meu próprio desenvolvimento profissional. Foi-me permitido, com o tema, utilizar conhecimentos adquiridos ao longo do curso de graduação, aperfeiçoando competências que foram lapidadas pelo corpo docente desta universidade. Mais do que permitir a utilização dos conhecimentos, o envolvimento com a AD abriu um novo caminho a percorrer, propagando a comunicação da informação e permitindo uma ramificação para que eu possa dar continuidade nos meus estudos na área da comunicação.

É com satisfação que concluo este estudo visualizando um novo campo de trabalho para Comunicadores Institucionais, que muito podem contribuir com o aperfeiçoamento e implantação da AD no Brasil.

REFERÊNCIAS

Não disponíveis *online*.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo – **Métodos de Pesquisa** - Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2009

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. RAE – São Paulo. V.35.n3 p.20-29 Mai./Jun. 1995.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing**, edição compacta. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MOTTA, L.M.V. e ROMEU FILHO, P.R. (orgs): **Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras**. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

MOTTA, L.M.V. 2010. **A Audiodescrição vai à Ópera**. In MOTTA, L.M.V. e ROMEU FILHO, P. (orgs): Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

WORLD BLIND UNION – **World Blind Union Toolkit on Providing, Delivering and Campaigning for audio description on television and film** – April, 2011 – Toronto, Canada

REFERÊNCIAS

Disponíveis *online*

Antenna Áudio – **Antenna International** - informações em: <http://www.antennainternational.com/products/> acessado em 06 de agosto de 2014 as 23:09h.

Anticarro 37mm – **Militaria e Armas** Militaria história – disponível em: <http://militariaearmas.blogspot.com.br/2009/04/artilharia-canhao-m3-anti-tank-de-37mm.html> acessado em 02 de setembro de 2014 as 23:10h.

BENDLE, Simon – Blog: **Great British Nutters** – James Holman: the Blind Traveller disponível em: <http://greatbritishnutters.blogspot.com.br/2008/04/james-holman-blind-traveller.html> acessado em 15 de abril de 2014, 08:45h.

BRASIL, Decreto-lei n. 10.098, de Dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] da República Federativa do Brasil** disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.html acessado em 11 de abril de 2014, 20:12h.

Canhão Anticarro 37 mm – **Área Militar** - informações e características – disponível em: <http://www.areamilitar.net/DIRECTORIO/CAN.aspx?NN=274&P=103> acessado em 30 de agosto de 2014 as 14:28h.

Canhão Anticarro 37mm, - Máquinas de Combate - características técnicas, disponível em: <http://www.maquinasdecombate.com.br/canhao-de-37mm-anti-carro-pak-36-l45/> acessado em 06 de setembro de 2014 as 00:04h.

Canhão Anticarro 75mm - **Área Militar** - informações e características – disponível em: <http://www.areamilitar.net/DIRECTORIO/CAN.aspx?nn=172> acessado em 09 de setembro as 20:38h.

DVS - **Descriptive Services – Media Access Group** – Informações e exemplificação do DVS, disponível em: <http://main.wgbh.org/wgbh/pages/mag/description.html> acessado dia 06 de abril de 2014, 22:44h.

Die Entmagnetisierungsstation Kudensee – Minas Navais alemãs – **Dithmarschen-wiki** – disponível em : www.dithmarschen-wiki.de/Die_Entmagnetisierungsstation_Kudensee acessado em 30 de maio de 2014 as 19:47h.

Equipamentos do Exército Brasileiro – **Armas Online** - disponível em: <http://armasonline.org/armas-on-line/antigos-equipamentos-do-exercito-brasileiro/> acessado em 24 de agosto de 2014 as 15:23h.

FONSECA, João José Saraiva da, **Metodologia da Pesquisa Científica** – Ceará, Universidade Estadual do Ceará (UECE), 2002 disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf> acessado em 10 de maio de 2014, 20:21h.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - **IBGE** - Censo de 2010, Características Gerais: Deficiência – disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religi](http://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religi)

[ao_Deficiencia/tab1_3.pdf](#) acessado em 03 de agosto de 2014 as 14:23h.

Magnetic Mine - **Swewe** disponível em:
http://www.swewe.net/word_show.htm/?387516_1&Mina%7Cmagnética acessado
em 15 de maio de 2014 as 21:13h.

Minas Navais, detonação - **Contemplarte** - Disponível em:
<http://contemplarte.wordpress.com/2011/08/20/minas-navais/> acessado em 30 de
maio de 2014 as 22:19h.

Motion Picture Access (MoPix) - **Media Access Group** - Informações sobre o
sistema MoPix, disponível em: <http://ncam.wgbh.org/mopix/aboutproject.html>
acessado no dia 08 de abril de 2014, 20:31h.

Organización Nacional de Ciegos Españoles - **ONCE** - Informações sobre a ONCE,
disponível em: <http://www.once.es/new/que-es-la-ONCE> acessado em 09 de abril de
2014, 21:03h.

Royal National Institute of Blind People- **RNIB** - Informações sobre RNIB, disponível
em: <http://www.rnib.org.uk/about-rnib> acessado em 09 de abril de 2014, 06:54h.

WGBH - **Media Access Group** - Informações sobre DVS, disponível em:
<http://main.wgbh.org/wgbh/pages/mag/services/description/> acessado dia 06 de abril
de 2014, 21:56h.

APÊNDICES:

APÊNDICE I - COLETA DE OPINIÕES.....	54
APÊNDICE II - RESULTADOS DA PESQUISA: COLETA DE OPINIÕES.....	58
APÊNDICE III - ARQUIVO DE ÁUDIO: ÁUDIO PILOTO.....	66
APÊNDICE IV - RESPOSTAS: PESQUISA PILOTO	68
APÊNDICE V - ARQUIVO DE ÁUDIO: AUDIODESCRIÇÃO	80
APÊNDICE VI - GUIA AD	82

APÊNDICE I – COLETA DE OPINIÕES

(I) Pesquisa – Coleta de Opiniões

Coleta de Opiniões – Audiodescrição (AD)

11/05/14 19:17

[Editar este formulário](#)

Coleta de Opiniões - Audiodescrição (AD)

Neste formulário estarão algumas perguntas referente ao que você pensa sobre audiodescrição (AD)

***Obrigatório**

Idade *

Exemplo: 20-30 é para quem já completou 20 anos ou mais e ainda não completou 30 anos. As demais opções seguem a mesma lógica.

- ☐ Entre 10 e 15 anos
- ☐ Entre 15 e 20 anos
- ☐ Entre 20 e 30 anos
- ☐ Entre 30 e 40 anos
- ☐ Acima de 40

Você mora em... *

- ☐ Curitiba ou Região Metropolitana
- ☐ Outro

Você tem algum tipo de deficiência visual? *

Por favor, mesmo que sua resposta seja negativa conclua o preenchimento deste questionário

- ☐ Sim
- ☐ Não

Quando alguém descreve algum objeto ou cena, para você considerar compreensível, a descrição deve ser: *

- ☐ Rápida e sucinta
- ☐ Lenta e com muitos detalhes
- ☐ Média, e destacando apenas o que é importante
- ☐ Não importa a velocidade, contanto que fiquem claras as características do objeto
- ☐ Outro:

A descrição, bem feita, de um objeto, exposto em museu ou galerias, deve conter: *

Você pode selecionar mais de uma opção

- ☐ Dimensões
- ☐ Cor
- ☐ Para que era utilizado
- ☐ História (período que era utilizado, por quem, contexto, etc)
- ☐ Curiosidades
- ☐ Outro:

Em média, quantas vezes por ano você visita museus?

<https://docs.google.com/forms/d/16BujIU3C6rxndxEA94HnKpYAzuffwG1fpc6SZ1GXp7s/viewform>

Página 1 de 3

- ☐ 0 vezes
- ☐ 1 a 2 vezes
- ☐ 3 a 4 vezes
- ☐ Mais de 4 vezes

Em média, quantas vezes, por ano, você vai ao cinema ou assiste filmes em seções grupais?

- ☐ 0 vezes
- ☐ 1 a 2 vezes
- ☐ 3 a 4 vezes
- ☐ Mais de 4 vezes

Em média, quantas vezes, por ano, você vai a teatros e/ou exposições?

- ☐ 0 vezes
- ☐ 1 a 2 vezes
- ☐ 3 a 4 vezes
- ☐ Mais de 4 vezes

Você sabe o que é audiodescrição (AD)? *

- ☐ Não
- ☐ Sim, gostaria de utilizar
- ☐ Sim, já utilizei

Sabendo que audiodescrição é um recurso utilizado para descrever imagens e/ou objetos para pessoas com algum tipo de deficiência visual ou cognitiva, considere: Você acha a AD uma ferramenta importante, para acesso a cultura e inclusão social? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se os meios culturais citados acima (cinema, museu, teatros etc.) tivessem o recurso de AD você os visitaria com mais frequência? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Você acha que seria importante Museus terem AD? *

- ☐ Sim
- ☐ Não


Seria importante ter AD no museu porque...

Tente resumir em uma frase.

Enviar

Nunca envie senhas em Formulários Google.

Powered by

 Google Drive

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

APÊNDICE II – RESULTADOS DA PESQUISA : COLETA DE OPINIÕES

(II) – Resultados da Pesquisa: Coleta de Opiniões

Coleta de Opiniões – Audiodescrição (AD) – Formulários Google

11/05/14 15:46

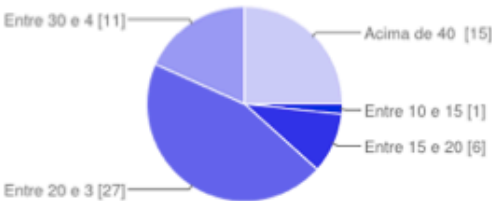
Thaís Maia
Editar este formulário

60 respostas

[Publicar análise](#)

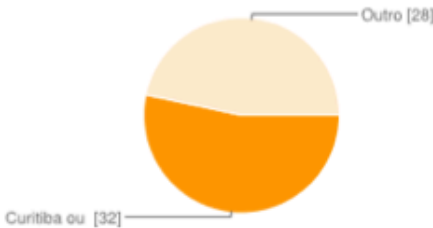
Resumo

Idade



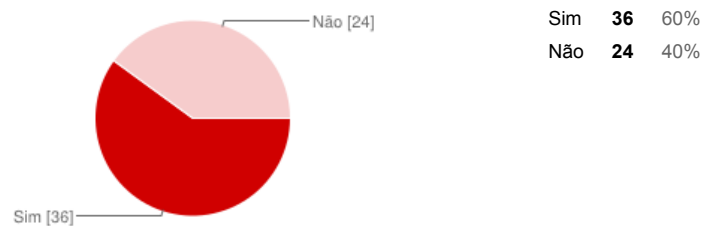
Entre 10 e 15 anos	1	2%
Entre 15 e 20 anos	6	10%
Entre 20 e 30 anos	27	45%
Entre 30 e 40 anos	11	18%
Acima de 40	15	25%

Você mora em...

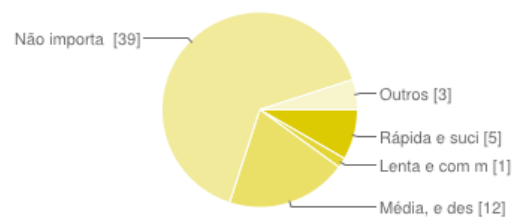


Curitiba ou Região Metropolitana	32	53%
Outro	28	47%

Você tem algum tipo de deficiência visual?

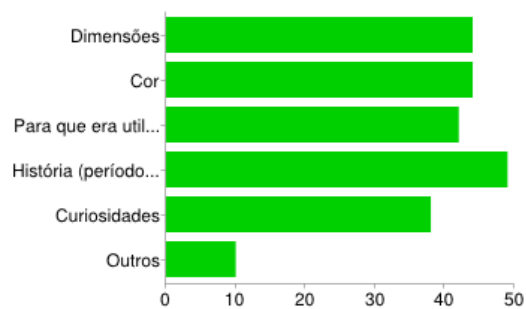


Quando alguém descreve algum objeto ou cena, para você considerar compreensível, a descrição deve ser:



Rápida e sucinta	5	8%
Lenta e com muitos detalhes	1	2%
Média, e destacando apenas o que é importante	12	20%
Não importa a velocidade, contanto que fiquem claras as características do objeto	39	65%
Outros	3	5%

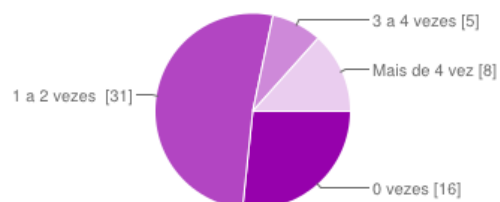
A descrição, bem feita, de um objeto, exposto em museu ou galerias, deve conter:



Dimensões	44	19%
Cor	44	19%

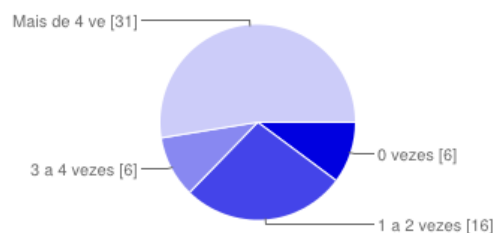
Para que era utilizado	42	19%
História (período que era utilizado, por quem, contexto, etc)	49	22%
Curiosidades	38	17%
Outros	10	4%

Em média, quantas vezes por ano você visita museus?



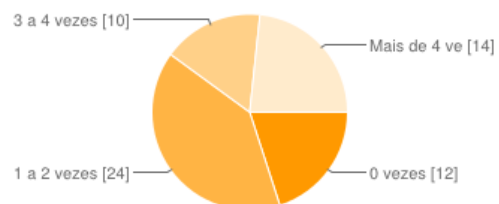
0 vezes	16	27%
1 a 2 vezes	31	52%
3 a 4 vezes	5	8%
Mais de 4 vezes	8	13%

Em média, quantas vezes, por ano, você vai ao cinema ou assiste filmes em seções grupais?



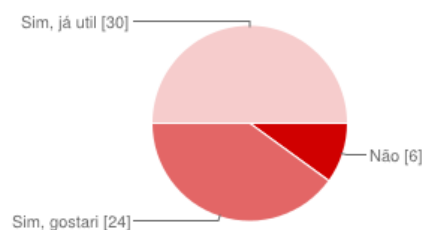
0 vezes	6	10%
1 a 2 vezes	16	27%
3 a 4 vezes	6	10%
Mais de 4 vezes	31	53%

Em média, quantas vezes, por ano, você vai a teatros e/ou exposições?



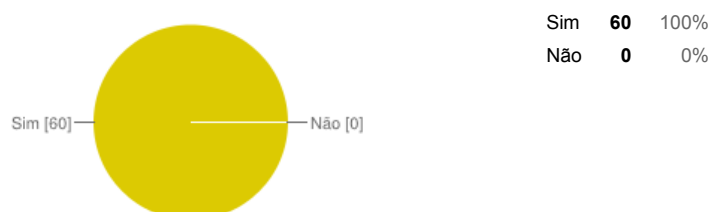
0 vezes	12	20%
1 a 2 vezes	24	40%
3 a 4 vezes	10	17%
Mais de 4 vezes	14	23%

Você sabe o que é audiodescrição (AD)?

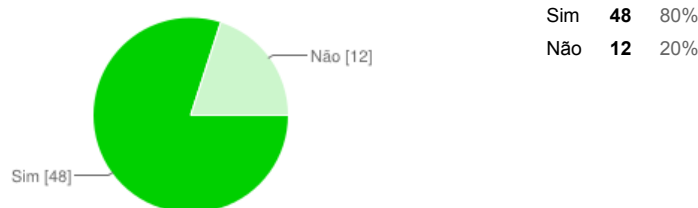


Não	6	10%
Sim, gostaria de utilizar	24	40%
Sim, já utilizei	30	50%

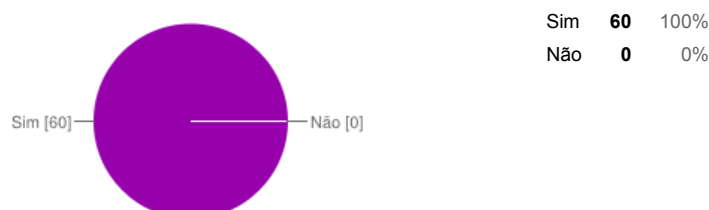
Sabendo que audiodescrição é um recurso utilizado para descrever imagens e/ou objetos para pessoas com algum tipo de deficiência visual ou cognitiva, considere: Você acha a AD uma ferramenta importante, para acesso a cultura e inclusão social?



Se os meios culturais citados acima (cinema, museu, teatros etc.) tivessem o recurso de AD você os visitaria com mais frequência?



Você acha que seria importante Museus terem AD?



Seria importante ter AD no museu porque...

Porque isso é inclusão social. Para inclusão das pessoas que possuem alguma deficiência visual ou cognitiva. Se tivesse eu iria. Por ser um recurso utilizado para descrever imagens e/ou objetos, tornar-se importantíssimo para as pessoas com algum tipo de deficiência visual ou cognitiva. Por que nos permitiria ter o direito de entender e compreender todas as formas de arte ali presentes como um vidente que tem a possibilidade de desfrutar da compreensão do que é verdadeiramente a arte. Seria muito importante para nossa inclusão na cultura da nossa sociedade. Porque daí as pessoas que não enxergam, mesmo sozinhas, podem estar por dentro do que ocorre nestes eventos, em vez de ficar só em casa. Visto que no Brasil temos pouco mais de 16 milhões de pessoas com deficiência visual, esse recurso permite a inclusão dessas pessoas nesse espaço cultural importante para a compreensão e construção do conhecimento. possibilita o acesso as informações escrita e de muitos objetos, que podem e/ou não podem ser tocados, além de facilitar a inclusão de pessoas com deficiência visual nos espaços referidos. estaríamos sendo incluídos no mundo dos videntes com as suas descrições de imagens do ambiente e materiais que são desconhecidos de quem não vê. Tal recurso retirar-nos-ia do vácuo daquilo que é intocável. Assim o museu poderia repassar sua cultura e conhecimento igualmente a todos visitantes, independente de qualquer dificuldade física. Daria acesso a um tipo de cultura que normalmente as pessoas cegas não tem como obter de outro modo. Lei da acessibilidade, importante incluir. Auxiliar as pessoas que, por algum motivo, necessitam de mais possibilidades de interação com algo do que as outras que

conseguem desfrutar inteiramente de alguma exposição (seja teatro, cinema ou museu).
Permite o acesso cultural das pessoas com deficiência visual mas também auxilia uma melhor compreensão das obras por outras pessoas que têm dificuldades de atenção, não estão acostumadas a visitar locais de arte. Pois a Audiodescrição tornará este espaço cultural acessível para todas as pessoas com deficiência visual, estas têm o direito de usufruir dos bens culturais presentes na cidade que habita e paga seus impostos. facilitaria a compreensão dos objectos expostos. nos pertiria sentir o que os olhos não conseguem ver. Para poder "ver" além do objeto puro e poder sentir a emoção expressa pelo autor da peça exposta. Por mas que tenha guia disponível, na maioria das vezes tem um grupo de pessoas e fica difícil dar exclusividade pro dv. Sem falar que na audiodescrição, como vai ser feita com calma, pode ter mais detalhes que na hora pode ser irrelevante para um guia, mas que para nós pode ser importante. porque da é importante pois dará a mesma compreensão de entendimento para as pessoas com deficiência viavizual igual ou quase parecida com os demais.riapessoas com deficiência visual a mesma possibilidade de Porqueda ria a possibilidade as pessoas com deficiência de compren~soa compreensão como os demais. porque objetos não emitem sons ou falas e no museu não podem ser tocados Melhor para imaginar a obra. Os itens ficam geralmente limitados a visão, rprotegidos por vidros ou outros. A audio descrição possibilita que deficientes visuais e outros também possam enxergar através dos vidros. Porque é instrumento de igualdade, sim através deles socializa a cultura, a diversão, o convívio... Pela inclusão social, na qual todas as pessoas indepentende de portarem deficiência ou não possam ter acesso a cultura. é a nossa visão Faria mais sentido as visitasões, ficaria mais contextualizada. Porque a obra se tornaria acessível. Para facilitar a visitação, permitindo que o visitante possa construir sua própria opinião sobre as peças. Como não podemos tocar nos objetos, é importante ter a descrição das características do que está exposto, caso contrário o museu não é nem um pouco atraente para DV's. Para que todos tivessem um igual acesso aos produtos culturais. Porque eu poderia ter a mesma percepção, ou aproximada, que as outras pessoas tem a respeito dos objetos expostos. Porque é importante inserir novos recursos de melhorias nos museus, possibilitando novos visitantes e incluindo os deficientes visuais em todos os meios. Porque poderíamos imaginar com mais exatidão as obras gedit Museus são inteiramente avessos ao toque. Se não é possível ver e não é possível tocar, então, restam duas opções: viabilizar o entendimento por meio de descrição ou negar o acesso à cultura aos que não enxergam. Se é verdade que o mundo das cores interessa-me pouco, igualmente verdade é que o mundo das ideias é-me fundamental. Para prender a atenção das pessoas cegas ou com baixa visão. Acho que seria um instrumento para que todas as pessoas tivessem a possibilidade de aceder aos mesmos, participando da vida cultural..., l Muitas pessoas que têm deficiência visual utilizariam esses meios Não tenho deficiência visual, mas acredito que a AD é essencial para a inclusão cultural e social de deficientes visuais. Também considero que a AD tem um papel pedagógico também para quem não tem deficiências, pois ao ouvir a descrição de um objeto, podemos passar a perceber (ser educados para) aspectos da obra de que não tínhamos percepção. Imagine uma pessoa com pouco acesso à cultura, quando vai a um museu, acaba não sabendo como ler e se orientar pelas peças expostas, com a AD,

ficará mais familiarizada. A Cultura só atinge seu objetivo principal, tocar as pessoas, se for para todos! Todas as pessoas tem direito ao acesso a cultura, em todos os seus seguimentos. A maioria dos objetos de exposição em museus ficam trancados e não podem ser tocados, permanecendo acessivelmente apenas de modo visual, privando os deficientes de poderem percebê-lo através do tato e limitando a interação apenas com os palpáveis. A audio descrição nos forneceria acesso a esse tipo de entretenimento. seria mais fácil para entendermos as obras, objetos, peças teatrais etc. Tornaria visíveis ao olhar dos cegos as obras que, geralmente, não podem ser vistas. O aparelhamento facilita as aptidões do homem. É UMA FORMA DE NÓS SABERMOS SOBRE ALGO QUE ESTA NO AMBIENTE MAS POR NÃO ENCHERGARMOS, PARA NÓS NÃO É ACESSÍVEL, ISSO É INCLUSÃO E RESPEITO AOS NOSSOS DIREITOS. daria uma idéia mais espacial do exposto. Existem coisas que são tão belas e magníficas, que apenas olhando-a pessoalmente é possível entende-la e aprecia-la de forma adequada, pessoas que possuem deficiência visual ou cognitiva também possuem esse direito, algo assim poderia ajuda-las a compreender e aprender muito mais do que lhes é permitido normalmente. porque poderíamos transformar a falta de sentido daquilo que não podemos ver em significado ao ouvir as palavras da AD.

Número de respostas diárias



APÊNDICE III – ARQUIVO DE ÁUDIO: ÁUDIO PILOTO

(III) – Áudio Piloto

Espaço para CD

APÊNDICE IV – RESPOSTAS: PESQUISA PILOTO

(IV) – Resposta pesquisa ‘Piloto’

Nome: Lucas Padilha

Profissão: Estudante

É deficiente visual?

☐ Sim ☒ Não

Após escutar os dois áudios sobre a Mina Marinha julgue qual foi melhor nos itens abaixo.

Clareza

☒ Áudio Mina Marinha 01

☐ Áudio Mina Marinha 02

Entonação

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Informações (dimensões, utilização, entre outros)

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Velocidade da fala

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Explicação

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Na sua opinião, qual foi o melhor áudio?

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Você faria mudanças no áudio/gravação? Quais?

(Sinta-se a vontade para apontar erros na explicação, fala ou qualquer outro item que ache relevante)

- Não houve resposta.

Nome:Thiago Corrêa de Freitas
Profissão: Professor/Pesquisador

É deficiente visual?

☐ Sim ☒ Não

Após escutar os dois áudios sobre a Mina Marinha julgue qual foi melhor nos itens abaixo:

Clareza

☐ Áudio Mina Marinha 01
☒ Áudio Mina Marinha 02

Entonação

☐ Áudio Mina Marinha 01
☒ Áudio Mina Marinha 02

Informações (dimensões, utilização, entre outros)

☒ Áudio Mina Marinha 01
☐ Áudio Mina Marinha 02

Velocidade da fala

☐ Áudio Mina Marinha 01
☒ Áudio Mina Marinha 02

Explicação

☒ Áudio Mina Marinha 01
☐ Áudio Mina Marinha 02

Na sua opinião, qual foi o melhor áudio?

☐ Áudio Mina Marinha 01
☒ Áudio Mina Marinha 02

Você faria mudanças no áudio/gravação? Quais?

Eu tomaria mais cuidado com a pronúncia e entonação de elementos de ligação das partes das frases (de, da, os, as, um, umas), uma vez que as vezes eles embolam junto com a próxima palavra. Você deve pensar que esse tipo de recurso será utilizado em um ambiente que pode ter ruído de fundo, o que combinado com o comentário anterior pode dificultar o entendimento da frase.

O áudio mina marinha 2 está em uma velocidade boa, mas, ainda permitiria uma pequena redução da velocidade.

A explicação no áudio mina marinha 2 está mais completa mas, me parece um pouco excessiva. Para quem nunca ouviu sobre a lei de faraday, a última parte vai ser algo que será ouvido mas não será assimilado. Eu, por exemplo, ficaria com explicações mais curtas e menos técnicas.

Nome: Cleomira Ferreira Burdzinski

Profissão: Funcionária Pública

É deficiente visual?

☐ Sim ☒ Não

Após escutar os dois áudios sobre a Mina Marinha julgue qual foi melhor nos itens abaixo:

Clareza

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Entonação

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Informações (dimensões, utilização, entre outros)

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Velocidade da fala

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Explicação

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Na sua opinião, qual foi o melhor áudio?

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Você faria mudanças no áudio/gravação? Quais?

(Sinta-se a vontade para apontar erros na explicação, fala ou qualquer outro item que ache relevante)

Ao meu ver parece-me que a leitura da 2 esta mais clara , e não foi engolida as sílabas.

Eu consegui visualizar em pensamento a mina explosiva. Esta é a técnica dar para alguém desenhar o que se propõem a descrever, e analisar o que se pode melhorar.

Nome: Victor Hugo Cruz Caparica
Profissão: Professor e Pesquisador.

É deficiente visual?

(X) Sim () Não

Após escutar os dois áudios sobre a Mina Marinha julgue qual foi melhor nos itens abaixo:

Clareza

() Áudio Mina Marinha 01
(X) Áudio Mina Marinha 02

Entonação

() Áudio Mina Marinha 01
(X) Áudio Mina Marinha 02

Informações (dimensões, utilização, entre outros)

() Áudio Mina Marinha 01
(X) Áudio Mina Marinha 02

Velocidade da fala

() Áudio Mina Marinha 01
(X) Áudio Mina Marinha 02

Explicação

() Áudio Mina Marinha 01
(X) Áudio Mina Marinha 02

Na sua opinião, qual foi o melhor áudio?

() Áudio Mina Marinha 01
(X) Áudio Mina Marinha 02

Você faria mudanças no áudio/gravação? Quais?

(Sinta-se a vontade para apontar erros na explicação, fala ou qualquer outro item que ache relevante)

A narração pode ser um pouquinho mais pausada, é muita informação e é um objeto que não ocorre no dia-a-dia de quase ninguém, então é preciso desenhá-lo na cabeça. Gosto da idéia de inserir conteúdo científico sobre o mecanismo da mina.

Nome: Lucas Radaelli

Profissão: Engenheiro de software

É deficiente visual?

☒ Sim ☐ Não

Após escutar os dois áudios sobre a Mina Marinha julgue qual foi melhor nos itens abaixo:

Clareza

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Entonação

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Informações (dimensões, utilização, entre outros)

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Velocidade da fala

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Explicação

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Na sua opinião, qual foi o melhor áudio?

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Você faria mudanças no áudio/gravação? Quais?

(Sinta-se a vontade para apontar erros na explicação, fala ou qualquer outro item que ache relevante)

Gostei muito mais do áudio número dois por trazer mais informações, mas acho que faltou descrições que mostram como a marinha era de fato. Fora a parte inicial que faz uma pequena introdução, não sabemos mais nada sobre a cor, o estado de conservação, etc. Também achei que a semelhança entre o primeiro e o segundo áudio era muito grande. Fica difícil diferenciar o que muda entre eles. O segundo, claramente, é mais rápido e tem informações mais, mas fora isso, não sei mais exatamente o que mudou.

Nome: Daniela Cardoso de Oliveira

Profissão: Estudante

É deficiente visual?

(x) Sim () Não

Após escutar os dois áudios sobre a Mina Marinha julgue qual foi melhor nos itens abaixo:

Clareza

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Entonação

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Informações (dimensões, utilização, entre outros)

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Velocidade da fala

(x) Áudio Mina Marinha 01

() Áudio Mina Marinha 02

Explicação

(x) Áudio Mina Marinha 01

() Áudio Mina Marinha 02

Na sua opinião, qual foi o melhor áudio?

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Você faria mudanças no áudio/gravação? Quais?

(Sinta-se a vontade para apontar erros na explicação, fala ou qualquer outro item que ache relevante)

Eu falaria com a velocidade do áudio 01, porém com a entonação e clareza do áudio 02, que ficou melhor. Sobre as informações, no áudio 02 achei mais completas, principalmente na parte de descrição da mina, que, para mim, ficou mais fácil de criar uma imagem a partir da descrição. Quanto a explicação de utilização da mina marinha eu retiraria a parte que inicia com "o princípio de ativação da mina", do áudio 02, mas manteria a parte final que inicia com "atualmente a atividade mais representativa em relação as minas marinhas", que achei uma curiosidade relevante.

Nome: Arthur Minniti

Profissão: Analista de Sistemas

É deficiente visual?

☒ Sim ☐ Não

Após escutar os dois áudios sobre a Mina Marinha julgue qual foi melhor nos itens abaixo:

Clareza

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Entonação

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Informações (dimensões, utilização, entre outros)

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Velocidade da fala

☒ Áudio Mina Marinha 01

☐ Áudio Mina Marinha 02

Explicação

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Na sua opinião, qual foi o melhor áudio?

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Você faria mudanças no áudio/gravação? Quais?

(Sinta-se a vontade para apontar erros na explicação, fala ou qualquer outro item que ache relevante)

Prefiro a áudio 2, mas a velocidade da fala do áudio 1.

Nome: Gabriel Aquino Alves Gomes

Profissão: Auxiliar administrative

É deficiente visual?

(x) Sim () Não

Após escutar os dois áudios sobre a Mina Marinha julgue qual foi melhor nos itens abaixo:

Clareza

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Entonação

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Informações (dimensões, utilização, entre outros)

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Velocidade da fala

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Explicação

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Na sua opinião, qual foi o melhor áudio?

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Você faria mudanças no áudio/gravação? Quais?

(Sinta-se a vontade para apontar erros na explicação, fala ou qualquer outro item que ache relevante)

Não entendi direito a altura, não entendi se era tipo uma altura ou largura, ficou difícil de entender de verdade qual o formato da mina.

Precisei ouvir mais de uma vez para imaginar que a mina se parece com uma casquinha de sorvete, que em vez de ter uma bola de sorvete em cima, tem uma espécie de disco com a mesma circunferência da boca do cone. Seria isso?

Nome: Vanderson de Sousa Pessoa

Profissão: Administrador

É deficiente visual?

(x) Sim () Não

Após escutar os dois áudios sobre a Mina Marinha julgue qual foi melhor nos itens abaixo:

Clareza

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Entonação

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Informações (dimensões, utilização, entre outros)

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Velocidade da fala

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Explicação

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Na sua opinião, qual foi o melhor áudio?

() Áudio Mina Marinha 01

(x) Áudio Mina Marinha 02

Você faria mudanças no áudio/gravação? Quais?

(Sinta-se a vontade para apontar erros na explicação, fala ou qualquer outro item que ache relevante)

Não faria mudanças. O áudio foi claro, entonação ótima, velocidade agradável e explicação objetiva. às vezes muitos detalhes faz com que nos percamos no conceito do objeto e deve-se selecionar os mais relevantes.

Nome: Halison Junior Lunardi

Profissão: Assistente de atividades educacionais

É deficiente visual?

☒ Sim ☐ Não

Após escutar os dois áudios sobre a Mina Marinha julgue qual foi melhor nos itens abaixo:

Clareza

☒ Áudio Mina Marinha 01

☐ Áudio Mina Marinha 02

Entonação

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Informações (dimensões, utilização, entre outros)

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Velocidade da fala

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Explicação

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Na sua opinião, qual foi o melhor áudio?

☐ Áudio Mina Marinha 01

☒ Áudio Mina Marinha 02

Você faria mudanças no áudio/gravação? Quais?

A única observação em que consigo pensar é no começo, quando descreve o tamanho da mina. Após mencionar as dimensões, acrescenta-se que é mais ou menos do tamanho de um pneu. Sabemos que existem pneus de todos os tamanhos, mas é claro que pelas medidas não se trata de um pneu de carro, por exemplo. Sugerir-lhe-ia que falasse simplesmente que o tamanho é aproximadamente a de um pneu de caminhão, ou algo assim. Aí contornava-se a necessidade de esclarecer as medidas. Note, porém, que essa observação é apenas a única crítica que consegui fazer depois de muito considerar, e não constitui problema algum. De fato está excelente e quase consigo me imaginar no museu.

Nome: Rogério Alberto Del Rio Hamacek

Profissão: Oficial do Exército reformado

É deficiente visual?

(X) Sim () Não

Após escutar os dois áudios sobre a Mina Marinha julgue qual foi melhor nos itens abaixo:

Clareza

() Áudio Mina Marinha 01

(X) Áudio Mina Marinha 02

Entonação

(X) Áudio Mina Marinha 01

() Áudio Mina Marinha 02

Informações (dimensões, utilização, entre outros)

() Áudio Mina Marinha 01

(X) Áudio Mina Marinha 02

Velocidade da fala

(X) Áudio Mina Marinha 01

() Áudio Mina Marinha 02

Explicação

() Áudio Mina Marinha 01

(X) Áudio Mina Marinha 02

Na sua opinião, qual foi o melhor áudio?

() Áudio Mina Marinha 01

(X) Áudio Mina Marinha 02


Você faria mudanças no áudio/gravação? Quais?

(Sinta-se a vontade para apontar erros na explicação, fala ou qualquer outro item que ache relevante)

Taísa; Obviamente você estava lendo o texto. Achei no áudio 01 sua dicção melhor, e a cadência da fala também. No áudio 02, a qualidade do áudio estava melhor, e o conteúdo das informações também, mas a voz estava um pouco mais rápida, o que poderia atrapalhar a compreensão. No caso de uma áudio descrição real, o guia dominará totalmente o assunto, utilizando-se de suas anotações apenas para lembrar pontos importantes. O discurso em si, é feito em tom de conversa. No mais, parabéns. Idéia brilhante e muito necessária a sua. Parabéns. Se precisar de mais, estou ao dispor.

APÊNDICE V – ARQUIVO DE ÁUDIO: AUDIODESCRIÇÃO

(V) – Audiodescrição



Espaço para CD

APÊNCIE VI – GUIA AD

A AD é um recurso para auxiliar visitantes com deficiência visual em sua passagem pelo Museu. Ela consiste, na descrição dos objetos, promovendo uma visita acessível.

Passo 01: Pegue, no balcão "Acessibilidade", com o funcionário, seu aparelho de AD.



Passo 02: Vá até o objeto de sua preferência e digite o número que o representa em seu aparelho de AD.



Passo 03: Ouça a explicação sobre o objeto que você escolheu.



Agradecemos a sua visita!



Após desfrutar do passeio, o **Museu do Expedicionário** pede sua colaboração para preservar o recurso de AD, devolvendo, corretamente, o aparelho utilizado.

Visitante,

Bem Vindo ao **Museu do Expedicionário**.

Leia, atentamente, este guia de uso dos equipamentos de Audiodescrição (AD).

Qualquer dúvida, dirija-se até um de nossos funcionários que eles terão o maior prazer em ajudar.

Museu do Expedicionário

Guia prático de Audiodescrição



